O TICO TICO
N.º 2.030 — Janeiro de 1955 — Ano L
1955
NOVA FASE
CR$ 5.00

O AZAR DO PIANISTA

LIÇÕES de VOVÔ

Meus netinhos:

ENTRA hoje êste mensário em uma nova fase, num esfôrço mais, para agradar e bem servir a vocês.

Nos seus quase cinquenta anos de existência, aliás, O TICO-TICO não tem tido outro desejo nem outro objetivo.

A idéia inicial de seu fundador, Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, que foi a de proporcionar às crianças do Brasil a leitura alegre e sadia que lhes faltava, neste meio século de vida de O TICO-TICO tem sido por nós ininterruptamente conservada como uma bandeira, como um estandarte de luta pela boa causa. Sob o influxo dêsse mesmo idealismo é que surgiram, depois, "Tiquinho", "Cirandinha", "Pinguinho", e os dois anuários "Almanaque d'O TICO-TICO" e "Almanaque de Tiquinho", formando verdadeira equipe de bons e recomendáveis companheiros para as crianças patrícias, e que nos orgulhamos de ver aceitos sem quaisquer restrições pelos pais, professores, educadores e principalmente pelos mentores da formação do espírito religioso em nossa terra.

Essa aprovação, porém, não seria o bastante se não conseguíssemos, lado a lado, despertar o interêsse e merecer entusiástica acolhida por parte de vocês, os queridos netinhos para quem fazemos O TICO-TICO.

E esta, felizmente, não nos tem sido negada, o que nos encoraja sempre a novas iniciativas, como o início, agora, desta nova fase, em que esperamos superar tudo o que já temos realizado.

VOVÔ

O homem dos 7 instrumentos

EM 1888, vivia em San Pedro, cidade vizinha de San Francisco, um rapazinho de seus 12 anos, que levava uma existência fatigante. Acordando cada dia às três horas da madrugada, trabalhava como vendedor de jornais até às oito; depois, passava o dia na escola, onde estudava com paixão; e quando regressava, ia vender, novamente, aos gritos, pelas ruas, os jornais da tarde.

Aos domingos, para... descansar, era apanhador dos paus com que os holandeses costumavam jogar "bolão".

Êsse menino chamava-se Johnnie London.

Seu pai era um pequeno lavrador, que trabalhava muito e não ganhava o suficiente para os seus. A irmã de Johnnie, Elisa Shepard, casada com um velho oficial da guerra da Secessão, devia ser o constante apôio do rapazinho.

Era êste atraido pelo mar, e muitas vezes ia pescar com o pai, na vasta baía de San Francisco, no fundo da qual se encontra Oakland, sua cidade natal. Lendo muito, e principalmente descrições de viagem, sonhava viajar, enfrentar aventuras perigosas no Japão, na Sibéria, nos mares do Sul. Tudo, porém, eram sonhos de menino. Quando, por milagre, não tinha nada a fazer, subia para um barco a vela e, sòzinho, explorava os recantos da baía. Era, já, aliás, um bom marinheiro.

Johnie não gostava do nome que lhe haviam dado. E, por isso, um belo dia resolveu mudá-lo, por conta própria. Passou a chamar-se Jack. Se lhe perguntavam como se chamava, respondia: Jack London. E acabou ficando, mesmo, conhecido como Jack London, nome sob o qual se tornaria célebre.

Sua primeira aventura foi a compra de um barco, de um contrabandista. Em companhia dêste, aliás, fez-se êle mesmo contrabandista. Um dia, porém, tendo o barco em mau estado, teve, para viver, de tornar-se... patrulheiro do mar, e perseguir contrabandistas. Nessa nova profissão, teve inúmeras aventuras. Um dia, tendo caido no mar, em triste circunstâncias, foi arrastado pelas correntes e "pescado" por um barqueiro. Outra vez, foi capturado e abandonado num ilheu, por um contrabandista chinês.

Foi quando entrou, como embarcadiço, no navio baleeiro *Sophie - Southerland*. Tinha então 17 anos. E era, a bordo, grumete.

Depois de longa travessia e uma escala nas ilhas Bonin, enpenhou-se na caça às focas, e viu coisas maravilhosas. Conheceu, então as costas de Sibéria, Londres, Tóquio, Iocoama... Afinal, retornou a Oakland.

Um jornal de San Francisco, então, abriu um concurso literário. O ex-grumete nele tomou parte e obteve... o primeiro prêmio, com um romance: "Um tufão nas costas do Japão". Recebeu vinte e cinco dólares, pôde retirar o relógio do penhor, comprou um terreno, mas não podia viver da pena.

Foi, então, trabalhar como foguista; depois foi... andarilho.

Viajando ao léu da própria fantasia, em vagões de mercadoria, London foi a Nova York, a Boston, no Canadá, e tornou a voltar, afinal a Oakland, seu fim de itinerário habitual. Mas não ficou muito tempo lá.

Querendo, agora, fazer uma revisão no que havia aprendido, entrou para o colégio de Berkley, onde foi, ao mesmo tempo, porteiro e aluno; depois, graças a um intenso esfôrço intelectual — estudava treze horas por dia — transpôs as portas da Universidade. Para viver, então, o jovem estudante foi lavadeiro, numa tinturaria.

Em 1897, porém, a "febre do ouro" se apoderou de muita gente que partiu para Klondike, onde tinham sido descobertos ricos filões auríferos.

Jack London, sem tostão, desejou tentar a sorte ali. Procurou então o cunhado, marido de Elisa, para um empréstimo.

— Faço coisa melhor — disse êste.— Parto contigo. Seremos sócios.

Jack não gostou. Shepard era um velho, só podia atrapalhar, em Klondike. Não podendo partir, porém, sem o dinheiro, aceitou o contrapêso do dono dêste. Antes de alcançar Chilcoot, porém, o cunhado se arrependeu e voltou.

Durante um ano lutou nas solidões geladas do Klondike. Até que, atacado de escorbuto, teve de regressar.

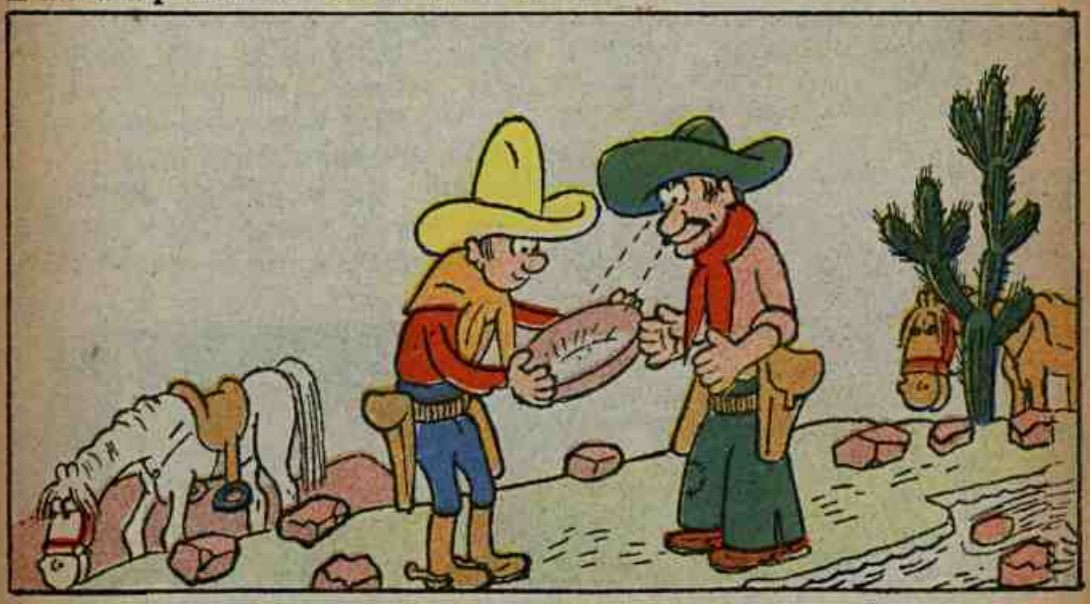
No curso de suas andanças havia observado homens, coisas, paisagens, animais, costumes, ficando habilitado a escrever muitos livros de sucesso. Tornou-se, a partir daí, um romancista. O autor de "Bigodes brancos", "O apêlo das selvas" e "Calcanhar de ferro" não deixou de viajar. Foi assim que, em 1905, partiu para a Mandchuria, para "cobrir", como jornalita, a guerra russo-japonesa.

Êsse irriquieto "homem de sete instrumentos", depois de ter tido uma vida agitada, pitoresca, aventureira, morreu sùbitamente, em 22 de dezembro de 1916.

Morreu, porém, deixando livros, muitos livros, que serão lidos sempre com atenção e deleite.

O MOCINHO GONÇALINHO E AZARÉ, SEU CAVALINHO

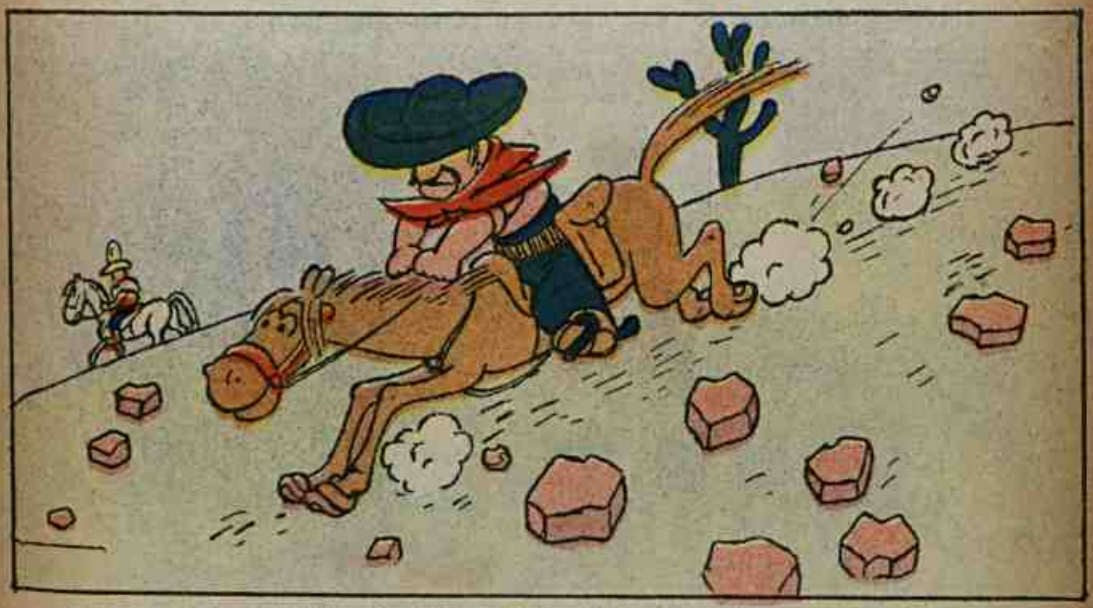
Gonçalinho também tem, como todos nós, suas ambições. Quem não quer ficar rico ? Embora seja um paladino, sempre pronto a tomar a defesa dos fracos e perseguidos, tem seus sonhos de fazer fortuna... E anda à procura de ouro. Quer ser dono de uma bela mina, ora essa !



Naquele dia estava radiante, porque descobrira vestígios de ouro nas barrentas águas do arroio Fia Fino. Aquilo era u-ma be-le-za ! Eis, porém, que apareceu o Chico Beiço Grosso, camarada invejoso como só êle, e que logo botou ôlho grande em cima do seu achado.

O MOCINHO GONÇALINHO E AZARÉ, SEU CAVALINHO

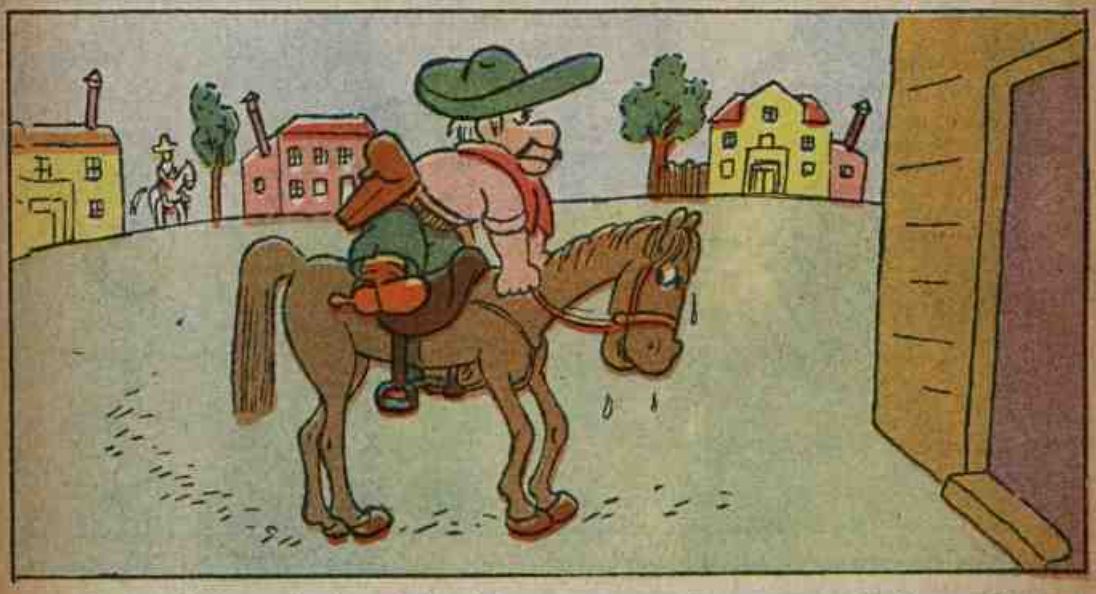
Tendo descoberto os vestígios auríferos, o Mocinho Gonçalino cavalgou Azaré e largou pela estrada, disposto a procurar um cartório, onde fizesse o registro do seu descobrimento. Só assim ficaria legalmente senhor do veio de ouro, podendo cuidar da exploração.



Mas o espertalhão do Chico Beiço Grosso achou que podia passar a perna no mocinho, passando-lhe à frente e registrando no cartório o achado como sendo seu. Montou no seu maturrango e largou também ladeira a baixo. Uma ação horrível, não acham vocês?

(Continua na página seguinte)

O MOCINHO GONÇALINHO E AZARÉ, SEU CAVALINHO



Gonçalinho ainda vinha longe, pensando no que faria se ficasse rico. nos beneficios que haveria de distribuir, nas esmolas que daria, nas boas rações que compraria para o seu amigo Azaré, e já Chico Beiço Grosso apeava à porta do tabelião, mal intencionado.

E foi logo dando os dados necessários para o registro: sinais de ouro, pepitas muitas, nas águas do arroio Fia Fino, em cima do morrete Botas Sem Sola, perto da fazendo do coronel Juca Macuco...

— Quero registrar isso depressa, seu doutor tabelião!

O MOCINHO GONÇALINHO E AZARÉ, SEU CAVALINHO

— Alto lá! — gritou o mocinho Gonçalinho! Isto é um roubo, o que êsse camarada está fazendo! Quem descobriu tudo fui eu, e Azaré aí está, como testemunha!

Chico Beiço Grosso quis reagir, mais aí foi Azaré que entrou...

... em cena, para testemunhar tudo. E não teve contemplação: com dois diretos no malfeitor, no deshonesto, demonstrou que êle era um biltre muito grande, dando-lhe o castigo que bem merecia.

Mas... será que Chico Beiço Grosso deixa isso ficar assim?

(Continua)

PORQUE É QUE SE DIZ:

Há locuções que são famosas, e muitas delas são repetidas em tôdas as latitudes, sem que a grande maioria dos que as repetem lhes conheça as origens.

Passam essas locuções de pais a filhos, ficam fazendo parte do rifoneiro dos povos, e sua história permanece ignorada sempre.

Curioso é, pois, saber como surgiram um dia, pois tôdas elas têm seu fundamento sempre interessante.

"FAZER OUVIDOS DE MERCADOR"

Dizemos, por exemplo, quando uma pessoa nos deixa falar sem dar maior importância ao que dizemos, que essa pessoa "está fazendo ouvidos de mercador".

A não observância de uma ordem, o pouco caso por uma recomendação, o esquecimento de uma advertência, a negligência diante de um pedido, tudo isso que reflete indiferença e alheiamento, é considerado consequência de se "fazer ouvidos de mercador".

Por que?

A explicação está ligada aos primeiros tempos de vida comercial entre os homens. Está fora de dúvida que os primeiros comerciantes, quer da velha China, da lendária Arábia, da misteriosa India, da Grécia ou da Fenícia, se caracterizavam por uma surdez crônica, sempre que os compradores de suas mercadorias pleiteavam uma diferença de preço...

E vem daí o têrmo "ouvidos de mercador", para os que não escutam aquilo que... lhes não convém.

Sendo os mercados antigos lugares ruidosos, aqueles espertinhos podiam simular não ter ouvido as propostas de "uma diferençazinha", que os compradores faziam.

Não que os ouvidos dos mercadores fossem diferentes dos ouvidos dos demais. Eles, porém, é que propositalmente procuravam dar essa impressão... quando lhes convinha.

CALENDÁRIO da História Pátria

FATOS HISTÓRICOS DÊSTE MÊS

1/1/1821 — Adesão do Pará à Revolução Constitucionalista de Portugal.

1/1/1852 — Irrompe em Pernambuco, na localidade de Pau d'Alho, o motim conhecido por Sublevação dos Maribondos

1/1/1880 — Verifica-se no Rio de Janeiro um movimento popular conhecido por Imposto de Vintem, contra o aumento de 20 réis nas passagens dos bondes.

1/1/1883 — Libertação dos escravos do município de Acarape, no Ceará, hoje cidade de Rendenção.

1/1/1869 — O coronel Hermes da Fonseca, à frente de de uma brigada de infantaria, entra na cidade de Assunção (Guerra do Paraguai).

2/1/1865 — Tomada de Paissandú, pelas tropas de Mena Barreto e Venancio Flôres.

5/1/1869 — O marechal Lima e Silva, marquês de Caxias, entra em Assunção (Guerra do Paraguai), dando a guerra por terminada.

7/1/1835 — Inicia-se em Belém do Pará a revolução conhecida por Cabanagem.

12/1/1809 — Victor Hughes, governador da Guiana Francesa, assina a capitulação, entregando aquela colônia às tropas luso-brasileira, comandadas por Manoel d'Elvas Portugal.

16/1/1822 — O principe D. Pedro forma o primeiro Ministério do Período da Independência. Dele faziam parte José Bonifácio, Miranda Montenegro, Oliveira Alvares e o conde Sousel.

19/1/1799 — Alvará separando a capitania do Ceará do govêrno geral de Pernambuco.

20/1/1817 — O general Frederico Lecor entra em Montevideu, à frente das tropas brasileiras e portuguesas, sob seu comando.

21/1/1906 — Explosão e naufrágio do encouraçado "Aquidabã", na baía de Jacuecanga (Ilha Grande).

22/1/1532 — Fundação da vila de São Vicente, em São Paulo, por Martim Afonso de Souza.

22/1/1826 — D. Pedro I forma o primeiro Senado do Império.

23/1/1637 — Chega a Recife o principe Mauricio de Naussau, conde de Nassau-Siegan, nomeado governador civil e militar do Brasil holandês.

25/1/1554 — Primeira missa na palhoça que os jesuitas construiram em Piratininga e que desde logo chamaram "Casa de São Paulo".

26/1/1654 — Assinatura da rendição holandêse em Pernambuco, na Campina do Taborda.

27/1/1654 — As tropas de Fernandes Vieira entram triunfantes no Recife, depois da rendição holandesa.

28/1/1808 — Carta Régia abrindo provisóriamente os portos do Brasil à navegação estrangeira.

O PRÍNCIPE SERPENTE

HAVIA um casal de lenhadores, que desejava ardentemente ter um filho. Pasaram longos anos à espera, porém em vão; o céu parecia surdo às suas súplicas.

Uma noite o marido entrou na cabana com um feixe de lenha e, ao desatá-lo, encontrou enroscada em uma das achas uma pequena cobra.

— Ah! até as serpentes têm filhos, só nós, que tanto os desejamos, não temos nenhum! — suspirou a mulher, que se chamava Marieta

O pequeno réptil tomou a palavra e disse:

— Adota-me como filho, que eu te saberei querer tanto como a uma verdadeira mãe. Ela vacilou um instante, mas depois pensando melhor, aceitou a estranha proposta. Arranjou para a cobrinha um buraco junto da parede, para lhe servir de leito, e desde aquele momento a alimentou e tratou ternamente, como só fazem as mães.

O tempo passou e a serpente cresceu.

Certo dia, disse ela ao lenhador:

— Papai, quero me casar...

— Está bem — disse êste — Procurarei um belo exemplar da tua espécie.

— Quero lá saber de exemplar da minha espécie? — retrucou a serpente. — Quero desposar a filha do rei! Vá ao palácio e peça a sua mão para mim! — acrescentou.

O lenhador saiu em direção ao palácio. Chegando lá e contando ao rei o motivo da sua visita, o soberano julgando estar tratando com um louco, exclamou:

— Diga a seu filho adotivo, o réptil, que só depois que todos os frutos do meu pomar se converterem em ouro eu lhe darei minha filha por esposa.

O lenhador voltou à cabana e deu o recado à serpente, que assim respondeu:

— Amanhã bem cêdo deves recolher todos os caroços de frutos que encontrares pela cidade, e semeá-los nos jardins do palácio. Depois veremos. Peço-te que não deixes de fazer o que estou dizendo.

— Paulo — era o nome do lenhador — apressou-se em obedecer porque estimava bastante a serpente e respeitava suas ordens, pois a julgava um ser sobrenatural. E foi assim que semeou no jardim real tudo quanto foi semente que achou na cidade. E... algo maravilhoso aconteceu: num abrir e fechar de olhos cresceram árvores com flôres e frutos de ouro.

O rei se sentiu muito satisfeito, porém custava-lhe demasiado ter de dar a filha em casamen-

to a um réptil e então fez mais uma exigência: — Se a serpente deseja tanto casar com a minha filha, terá que transformar os muros e as pedras do parque em pedras preciosas:

Isto, como é fácil de imaginar, o monarca exigia pensando na impossibilidade da realização de tal obra, ou milagre, será melhor dizer.

O lenhador tornou a voltar e transmitiu o segundo desejo do rei. E a serpente, sem perder a calma, ordenou:

— Amanhã, bem cêdo, apanha tudo quanto fôr pedra que encontrares na cidade e espalha-as no parque real ... Logo verás o que acontecerá! Não te esqueças de fazer como digo!

Paulo obedeceu e as pedras se transformaram em diamantes, esmeraldas, safiras, rubis. Aquilo era algo realmente fantástico e impossível de descrever!

O rei não cabia em si de contente, porém ainda lhe doía ter que se separar da filha, de modo que ardilosamente procurou um meio de se livrar de semelhante compromisso.

— Antes de ceder à serpente a mão de minha filha, quero ver satisfeito ainda mais um desejo, que será o último: diga à serpente que lhe darei minha filha em casamento se converter em ouro todo êste palácio ...

Novamente Paulo regressou à choça e deu o recado do rei ao filho adotivo.

— Está bem — disse êste; — amanhã cêdo corta um feixe de ervas e esfrega com êle os muros do palácio ... Mas não esqueças de fazercomo te digo! E logo verás o que acontece ...

Paulo, como das vêzes anteriores, seguiu as instruções do filho adotivo e o palácio todo se revestiu de ouro tão brilhante que chegava a cegar quem o fitava.

Desta vez o monarca não teve outro remédio senão chamar a filha, a princesa Rosinha e dá-la em casamento à serpente, que tinha chegado ao palácio numa carruagem de lapis-lazuli, tirada por quatro elefantes.

A bôda foi realizada e, quando os dois esposos se retiraram para os aposêntos reais, a serpente fechou bem a porta com a chave, livrou-se da sua pele de réptil e surgiu diante da princeza como um elegante e formoso jovem vestido de seda dos pés à cabeça.

Enquanto isto, o rei e a rainha, que estavam inquietos porque pensavam que a filha de-

via estar se sentindo muito infeliz, dirigiram-se aos aposentos da princeza. Ao ver que a porta não estava fechada a chave, o rei lhe deu um forte empurrão e entrou; deparou então com a pele da serpente no chão enquanto um belo rapaz estava junto com a princeza. Então, apanhou a pele e a atirou ao fogo, no qual desapareceu imediatamente.

— Ai de mim! Estou perdido! — gritou o jovem esposo ao ver o soberano, e reparar no que fizera.

No mesmo instante se transformou em uma pomba e quis fugir voando pela janela, que estava fechada. Com tôda a fôrça deu com a cabeça contra os vidros, que se partiram, ferindo-se, e deixando um fino rastro de sangue, escapou precipitadamente dali. Rosinha ficou muito aflita. Ao chegar a noite, triste e chorosa saiu a passear no bosque. Seguiu caminhando até que, sentindo-se exausta, se dispôs a dormir ao pé de um azinheiro.

— Não posso mais — disse; — é necessário que descanse aqui, porque do contrário não poderei continuar. Assim que se deitou adormeceu profundamente.

Ao despontar da aurora foi despertada com o canto dos pássaros que se achavam nas árvores próximas.

— Que lindo! — murmurou a jovem.

— Mais lindos os acharias se soubessem o que dizem — respondeu uma voz ao seu lado. Olhou e viu, com espanto, que quem falava era uma raposa!

— Então explica-me o que dizem — rogou a princesa.

— Dizem que certo príncipe, belo como o sol, devido ao malefício de perversa feiticeira, foi transformado em serpente pelo espaço de sete anos; o sortilégio estava chegando ao fim quando os pais de sua esposa queimaram inesperadamente a pele de serpente com que êle se cobria: transformou-se então numa pomba branca, que, ao querer fugir pela janela, feriu-se mortalmente na cabeça. Nêste momento êle se encontra no palácio do seu pai, o rei do Vale Negro e nenhum médico o pode curar. Só existe um remédio, que ninguém conhece, capaz de salvá-lo: é uma mistura das penas queimadas de dois passarinhos que falam, com as cinzas do pêlo, também queimado, da raposa que se tenha atrevido a contar esta história...

Ao ouvir as últimas palavras da narrativa da raposa, Rosinha caiu de joelhos e suplicou-lhe que lhe desse um pouco de seu pêlo para queimar. Também pediu algumas penas aos dois passarinhos e os três concordaram, dizendo em tom afetuoso:

— Tratando-se da tua felicidade e da do teu espooso, é com prazer que damos nosso pêlo e nosas penas.

A princesa tirou um pouco do pêlo da bondosa raposa, algumas penas dos dois passarinhos, queimou tudo, colocou numa fôlha e dirigiu-se ao palácio do rei do Vale Negro. Andou, andou muito até que achou o palácio. Apresentou-se ao soberano e disse que trazia um remédio que salvaria o príncipe, seu filho.

O rei respondeu :

— Se conseguires salvá-lo serás sua esposa.

O príncipe estava em seus aposentos às escuras e não dava sinal de vida. Rosinha apanhou um pouco do pó que trouxera e mal o aplicou na ferida do jovem, êste levantou a cabeça da almofada, como se nunca tivesse estado ferido.

— Meu filho, aqui tens a tua futura esposa! Prometi a esta jovem que se te curasse se casaria contigo ...

— Oh, papai! — respondeu o príncipe — Não posso aceitar porque já sou casado com outra mulher!

Então Rosinha abraçou ternamente o príncipe, que não a havia reconhecido na sombra do quarto, e desde aquêle momento a tranquilidade e a felicidade reinaram de novo nos corações do jovem casal.

Alegres e felizes empreenderam a caminhada até a casa dos seus antigos protetores e ao chegaram ao lugar onde Rosinha estivera com a raposa e os dois passarinhos, encontraram uma pequena pastora que apascentava um rebanho de ovelhas. Era uma linda menina e tinha nos braços um cordeirinho.

Ao ver a pastorinha chorando, os dois jovens lhe perguntaram:

— Que tens?

— Meu cordeirinho predileto, o menor e o mais dócil, acaba de ficar cego, pois um corvo o picou nos olhos, e me disseram que só o curaria o sangue de um príncipe feliz...

Ao ouvir isso, o formoso príncipe tirou do bôlso uma pequena faca de prata e, dando um pequeno corte no braço, disse:

— Aproxime o cordeirinho e fique calma; meu sangue o curará, pois sou um príncipe feliz.

Caíram duas gôtas de sangue sôbre os olhos do animalzinho e em pouco tempo um doce balido comoveu os dois jovens.

— Oh, muito obrigada, bom príncipe! — disse. — Com tua nobre ação fizeste mais do que imaginavas. Eu sou a fada benfeitora dos animais dêste bosque e com teu procedimento és merecedor de tôda a felicidade. Continuem sempre praticando o bem e não esqueçam que Deus sempre premia as boas ações.

GAVETINHA do SABER

Os romanos chamavam de "férias" aos seus dias de festas.

Os primeiros caracteres tipográficos do mundo foram os góticos.

O Brasil aboliu o tráfico de negros em 1831.

O vôo dos patos, segundo é corrente, inspirou a Santos Dumont na solução do problema do vôo, a cujo estudo se dedicava. O curioso é que essas aves vôam em formação que lembra a das esquadrilhas de aviões.

Etimològicamente "Groelandia" quer dizer "Terra Verde".

Foi a 9 de Maio de 1926 que o almirante Byrd atingiu pela primeira vez o Polo Norte.

O rei Momo, na mitologia grega, é filho do Sôno e da Noite.

Para enganar a morte, os maometanos usam uma cauda nos roupas, a fim de apagar o rastro que os seus pés deixam no deserto.

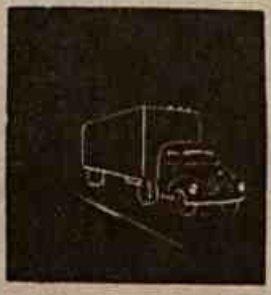
A andorinha percorre 250 quilômetros por hora.

Os marinheiros britanicos trazem, em torno da gola, três faixas brancas que recordam às 3 batalhas principais de Nelson, famoso herói inglês, vencedor de Napoleão: a de Trafalgar, a do Nilo e a de Copenhague.

A Rocha Tarpeia era em Roma uma elevação perto do Capitólio de onde eram atirados os condenados por traição.

O romance "Antes do por do Sol" rendeu à sua autora, Elisabeth Howard unicamente em prêmios 3 milhões de cruzeiros.

O nome por extenso de Alvares de Azevedo era Manuel Antonio Alvares de Azevedo.



"Governar é abrir estradas" foi o lema do presidente Washington Luis, que compreendia o valor das vias de comunicação terrestre para um país vasto como o nosso.

A rainha Elisabeth I, da Inglaterra, tinha cabelos vermelhos.

A flôr de lís é considerada o emblema da realeza, na França. Ela simboliza o lírio, cujo nome, em francês, é, justamente lís.

O único elogio incondicional de Rui Barbosa foi para a monumental obra de Thomás Carlyle: — "História da Revolução Francesa".

Todos os personagens de "Inocencia", de Taunay, foram reais: Tico era um anão encontrado na travessia do Sucuriú; a verdadeira Inocencia chamava-se Justina, filha de um leproso, e Cirino de Campos era um curandeiro ambulante.

Simão Bolivar durante a sua brilhante carreira politica fundou seis nações americanas — A Venezuela, a Colombia, o Equador, o Peru, a Bolivia e o Panamá.

Icono é um prefixo grego que significa "imagem".

Augusto Severo morreu tràgicamente em Paris, em 1902.

As ilhas flutuantes formadas pela vegetação aquática, que são levadas pela correnteza dos rios, chamam-se: "Camalotes".

"Busiris" foi um rei egipcio que mandava degolar, sacrificando às divindades, todos os estrangeiros que penetravam em seus dominios.

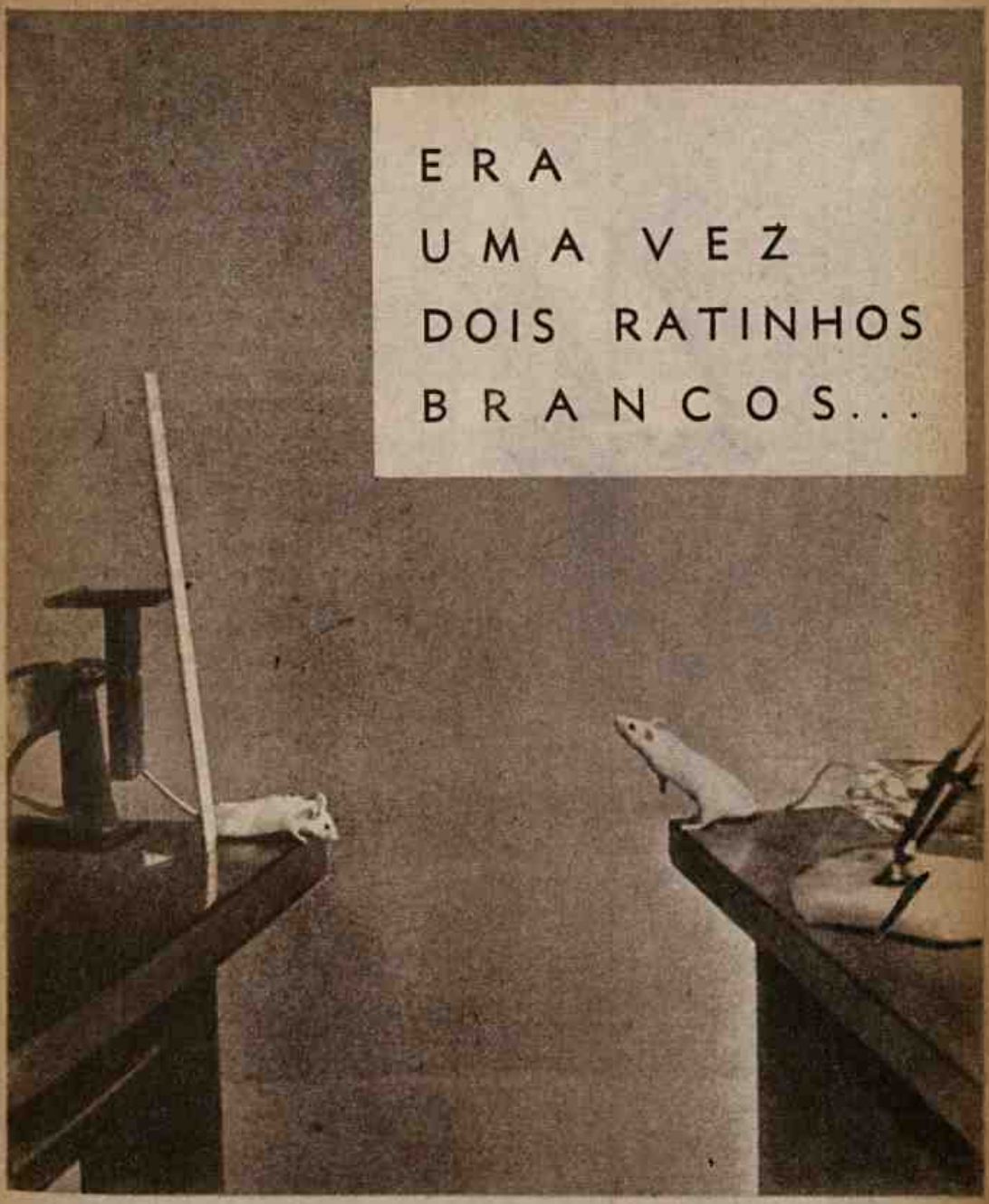
O pai da quimica moderna é Paracelso.

Joaquim Nabuco aprendeu as primeiras letras no Engenho de Massangana, com a sua madrinha, segundo a propria autobiografia.

A grande obra do general Cândido Rondon não foi apenas a tomada de contato com os selvícolas brasileiros.

Êle foi o desbravador dos nossos sertões, onde instalou as primeiras linhas telegráficas.

Foi Casanova quem introduziu na França o jôgo da loteria.



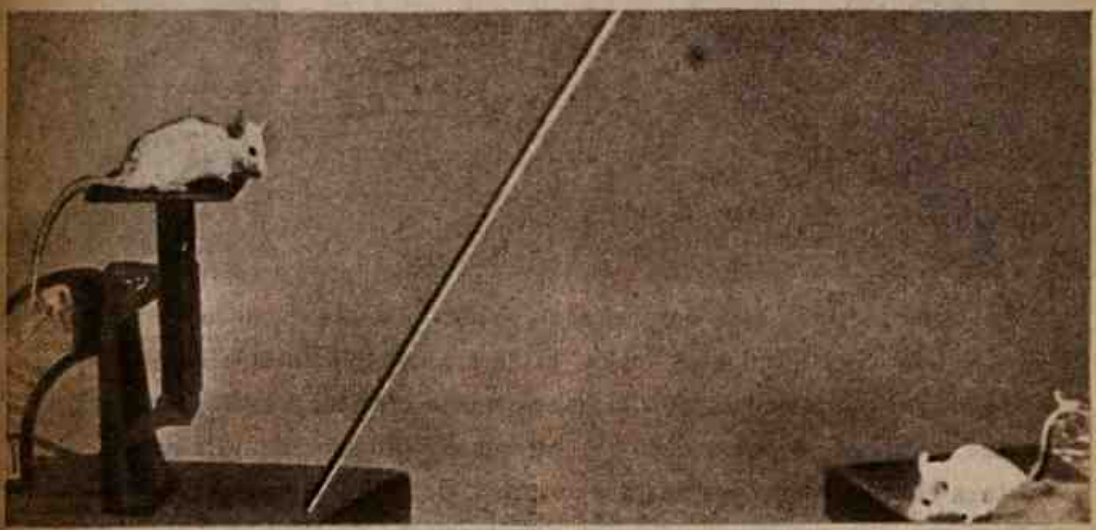
Era uma vez dois ratinhos brancos, muito brancos e muito amigos um do outro. Ora, aconteceu que, tendo saido a passear pela sala de estudo do pai de seu dono, os dois ratinhos brancos, muito brancos e muito amigos um do outro, acharam-se separados por alguns centimetros de... abismo, pois um estava em cima da mesa de cá e o outro em cima da mesa de lá.

E, então, que pensam vocês que aconteceu ? Se querem vêr, virem a página.

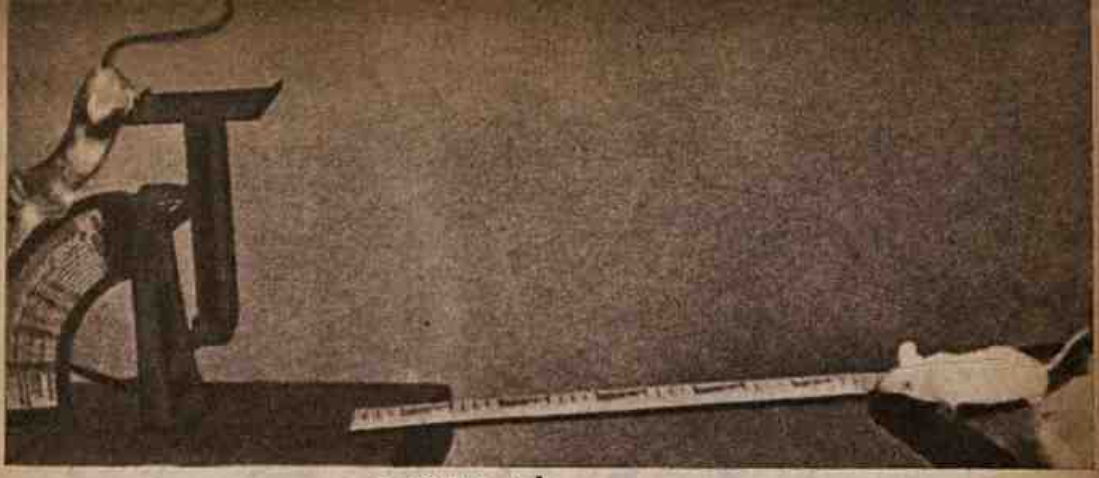
O ratinho branco de cá, que era também, além de muito branco e muito amigo do outro, um bocado inteligente e dotado de espírito prático, pensou, calculou, estudou a situação minuciosamente, para não dar uma "rata", e, aproximando-se da régua que estava em pé, pôs em execução o seu engenhoso plano.

Se o problema era passar à outra mesa, a solução seria uma ponte. E aquela régua ali estava, convidativa.

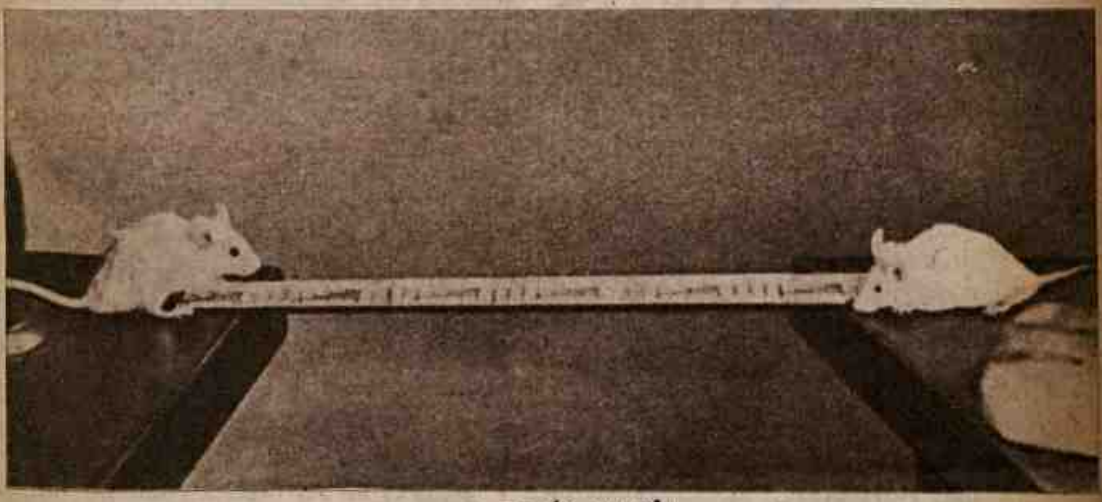
E então...



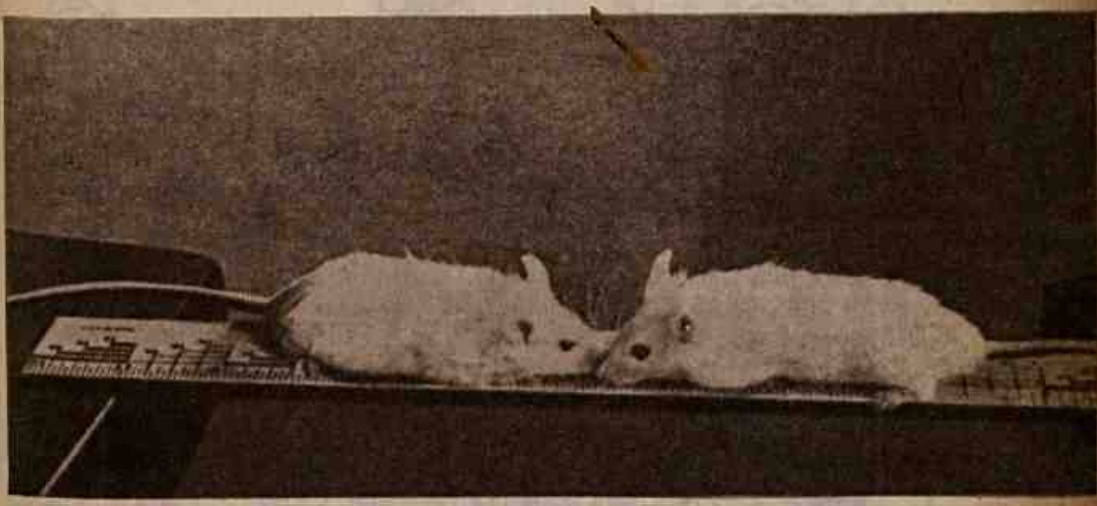
... com um delicado empurrãozinho, bem delicadinho..



a regua caiu...



... a ponte surgiu



... e os dois amigos ratinhos, muito brancos e muito amigos um do outro, puderam atravessar.

Assim se prova que o engenho, a habilidade e a inteligência, até entre os ratinhos, sempre proporcionam soluções...

O PRÍNCIPE JOSIA

O PRÍNCIPE JOSIA

(Continua na página seguinte)

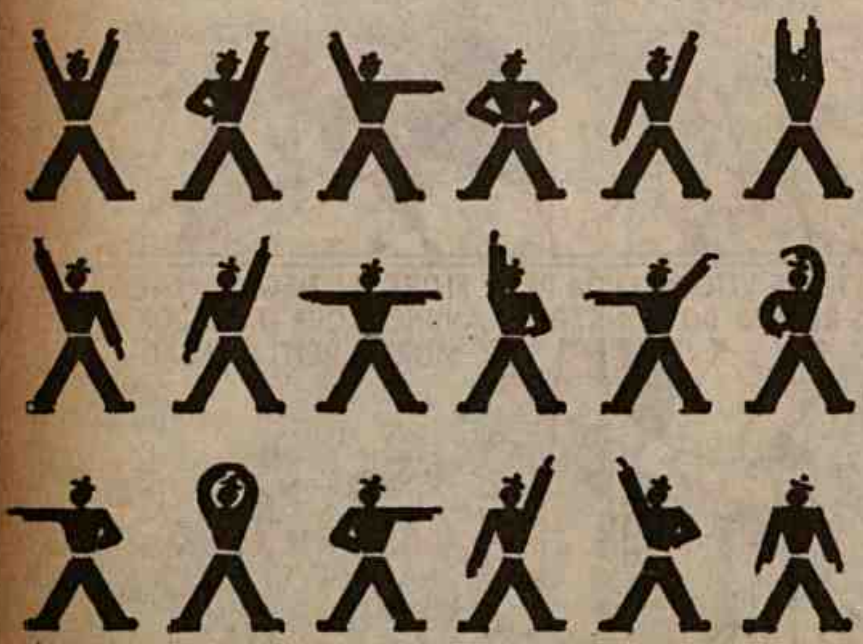
O PRÍNCIPE JOSIA

O PRÍNCIPE JOSIA

(Continua no próximo número)

DOIS BONS PASSATEMPOS

OS pobres ciganos estão aflitos. Não podem realizar seu espetáculo, porque o principal artista desapareceu. Onde andará êle ? E quem será o principal artista ? Você é capaz de descobrir ?



TRÊS dêsses marujos estão fazendo a ginástica certa, e por isso fizeram o mesmo movimento e estão na mesma posição.

Quais serão êles ?

Procurando bem, você vai descobrir, com certeza.

Um trecho ESCOLHIDO

AS ANDORINHAS DE CAMPINAS

Ruy Barbosa

MUITAS e muitas vêzes me atraíu aquí, nas tardes de estio, a vossa praça de Carlos Gomes, o espetáculo da volta das andorinhas. Louvada seja a vossa edilidade, por haver respeitado essa maravilha, e não ter desfeito a antiga pousada a êsses alados mensageiros do espaço. Os estranhos, os peregrinos da curiosidade e do gôsto virão com frequência contemplar embevecidos, como eu, o incomparável quadro vespertino. O pincel dos amigos da natureza trabalhará por debuxá-lo nas telas com as mais suaves tintas da sua palheta. Algum poeta o dedilhará na lira, em versos que perdurem como os de Anacreonte.

Eu não canto, nem pinto. Mas revejo e recordo.

Pelo límpido azul já sem sol, antes que se lhe esvaia de todo o oiro dos seus átomos de luz, mas quando o crepúsculo entra a desmaior do seu brilho a safira celeste, um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se acentua em negro na cúpula do firmamento, lá bem no alto, bem de cima, como se a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente do além, varasse alí a redondeza anilada.

Era um; e, logo após, já são muitos, já vêm surdindo inumeráveis, já parecem infinitos; já se cruzam; se recruzam; já se encontram e circulam; já se condensam e escurecem. Era um grupo, e já formam um bando, já vêm crescendo em longas revoadas, já refervem em enxames e enxames, já se estendem, numa vasta nuvem agitada. Toldaram o céu, encheram o ar, vêm-nos ondeando sôbre as cabeças. Agora, afinal, com os movimentos de uma grande vaga sombria, ponteada de branco, a librar-se entre a terra e a imensidade, baixa a massa inquieta, rumorejando, oscilando, flutuando, rasga-se na coroa das palmeiras, açoita os fios telegráficos, resvala pelos tetos do casario e, no cabo, arfando e remoinhando, turbilhoando e restrugindo, com o estrépido de uma cascata argentina, de uma cachoeira de cristais que se despedaçam, chilreada imensa de vozes e grasnidos às dezenas e dezenas de milhares, pendem, mergulham e desaparecem, numa imensa curva borbolhante, por sôbre o largo telheiro abandonado, que essa aérea multidão erradia elegeu entre nós para abrigo do seu descanso nas cálidas noites de verão.

(Discurso em Campinas)

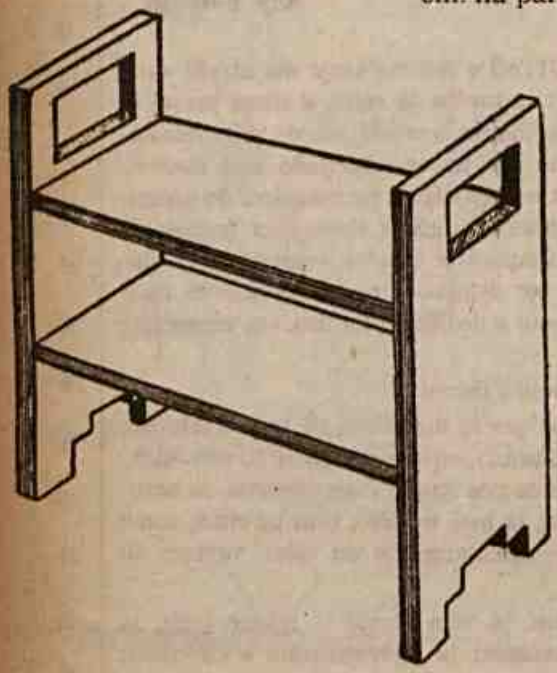
MESA AUXILIAR

PARA VOCÊ FAZER

AQUI está um pequeno móvel que prestará ótimos serviços.

É fácil de fazer e sua construção não exige grandes conhecimentos de carpintaria.

Toma-se uma tábua de madeira de 40 cm. de largura e 20 milímetros de espessura, e dela se cortam dois pedaços de 80 cm. de comprimento e outros dois de 67 cm. Os dois primeiros farão o papel de pés e serão cortados na fórma indicada pela nossa ilustração, isto é, com uma abertura retangular de 2 x 20 cm. na parte superior e com um corte escalonado formando pata na parte inferior.



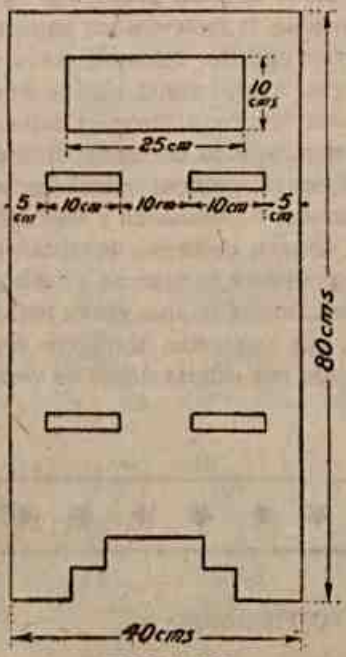
Êste último tem importância decorativa e, além disso, diminui a superfície de contato com o chão, onde é fácil que se junte pó.

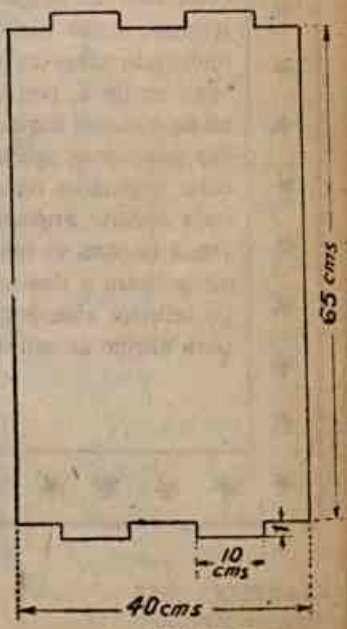
Além disso, fazem-se quatro encaixes, dois de cada lado e separados por uma distância de 40 cm. A medida dêsses encaixes é de 10 cm de comprimento por 2 de largura e 1 de profundidade.

As duas tábuas de 67 cm. são cortadas de acôrdo com as figuras, deixando em cada uma das extremidades duas saliências, ou alêtas de 10 cm. de comprimento, por 1 de profundidade. A ligação se faz muito simplesmente, localizando as alêtas das tábuas transversais nas ranhuras dos pés, depois de ter colado os pontos de união.

O trabalho se conclui lixando o conjunto e suavisando depois a superfície com uma boneca contendo pedra pomes em pó e, depois laqueando.

Uma combinação de duas cores seria interessante: por exemplo o conjunto em laca amarela e os rebordos em preto, o que produz excelente efeito e permite a perfeita adaptação do móvel a qualquer tipo de mobiliário.





A IMITAÇÃO

TRADUÇÃO DE MARIA MATILDE

—*—

ERA uma vez um macaco que tinha, entre muitos outros, vários motivos para ser vaidoso, e entre êles o principal era a sua cauda.

Que cauda bonita! Longa e lustrosa. Ondulando sempre com graça e elegância...

Seu orgulhoso dono dividia o dia em três partes: a primeira para contemplá-la, a segunda para alisá-la, e a terceira, aquela que devia dedicar a ganhar o sustento, isto é, procurar côcos, bananas e outras frutas, passava-a segurando a cauda para que não arrastasse no chão, nem passasse em mato espinhoso. Quando chovia dois ou três dias, êle não saia de casa, temendo que a cauda se molhasse. Naturalmente, o soberbo possuidor da preciosa cauda passava fome e até se enfraquecia nessas ocasiões.

Não ia a festas, nem a reuniões, nem assembléias, porque corria risco de que lhe pisassem a cauda.

Nunca houve chapéu de fêltro, nem pele de rosto de senhora, melhor cuidados que

aquela famosa cauda. Por causa dela o macaco se sentia importantíssimo e só pensando nela se consolava de viver solitário, pois a sua vaidade era tanta que afastava dêle os outros animais do bosque.

O macaquinho tinha também outro defeito, que, aliás, é comum em todos os da sua espécie: imitava tudo que via outros fazerem.

Se alguém — homem, boi ou galinha — se agachava, o macaco também se abaixava. Se um gato lambia delicadamente as patinhas, êle também fazia a mesma coisa.

Às vezes os outros animais da floresta o observavam surpreendidos e perguntavam:

— Que terá acontecido hoje ao compadre macaco?

— É que êle esteve entre os homens e aprendeu muitas coisas — dizia um papagaio falador

E assim o macaco continuou imitando tudo quanto via, embora não compreendesse o que fazia.

UM dia viu um carpinteiro serrando um pedaço de madeira e, depois, envernizá-lo, obtendo maravilhoso brilho.

O macaco, depois de apreciar o serviço do marceneiro, disse consigo:

— Minha cauda ficará linda, com um brilho assim! Então não haverá quem possa competir comigo! Vai ser u-ma be-le-za!

E o macaquinho ficou a pensar... Não sabia bem como usar a plâina nem o formão, porém, mesmo assim, começou a passá-los na cauda.

De vez em quando sentia uma dôrzinha. Mas seu orgulho e seu espírito de imitação eram mais

fortes do que as dôres que sentia. E, assim, decorridos alguns minutos eis a bela cauda pelada, feia e até ferida! Emfim, dava pena vê-la...

Aí, então, é que compreendeu que sua vaidade e o feio hábito de imitar tudo quanto via, o tinham levado àquela dolorosa situação. Enfeixou a cauda cuidadosamente e, triste, choroso, prometeu a si mesmo jamais imitar os outros a não ser nas boas ações, que essas, sim, e os bons exemplos, devem sempre ser imitados.

INVEJOU O "CARTAZ"...

...E O RESULTADO FOI MUITO DIFERENTE

Hoje "tem" SABATINA

Procure responder, sem virar a página, a estas 20 perguntas, contando 5 pontos para cada resposta exata. Se obtiver resultado entre 100 e 60, você tem nota excelente; de 60 a 30, bom; abaixo de 30, regular.

1 — Frágua é: aglomeração de pedras, uma ave da Nova Zelândia ou sinônimo de fornalha?

2 — A côr verde das fôlhas das plantas se deve: à seiva, aos pigmentos, à clorofila ou à celulose?

3 — As catapultas dos romanos eram: cavernas onde se refugiavam os cristãos, barcos de guerra, máquinas de arremessar pedras ou tôrres para assaltar castelos?

4 — Em aritmética o número que se escreve por cima do outro, nas frações, chama-se: dividendo, divisor, denominador ou numerador?

5 — As roupas apropriadas para descidas ao fundo do mar, usadas pelos mergulhadores, chamam-se: mameluco, submersível, escafandro ou batiscafo?

6 — As vigas de madeira colocadas transversalmente, a espaços regulares, em baixo dos trilhos de estrada de ferro, chamam-se travessões, pés-direitos, dormentes ou vergalhões?

7 — O Brasil é o 1.º país produtor de batata doce, em todo o mundo. Certo ou errado?

8 — Os "cúmulus" são animais prehistóricos, cadeias de montanhas, nuvens de tempestade ou depósitos submarinos?

9 — Na extremidade do cano das armas de fogo existe uma saliência que permite fazer a pontaria. Chama-se visor, viseira, mira, apontador ou rebite?

10 — Os graus dos adjetivos são: positivo, aumentativo, comparativo, superlativo e diminutivo. Certo ou errado?

11 — O substantivo, o adjetivo, o pronome e o verbo são categorias gramaticais variáveis ou invariáveis?

12 — O calendário que usamos é o gótico, o gregoriano, o confuciano ou o incáico?

13 — O polo positivo, nos aparelhos elétricos, é marcado com um sinal matemático: de somar, de subtrair, de multiplicar ou de dividir?

14 — Um dêstes homens foi o inventor do pára-raios: Volta, Édison, Lavoisier, Benjamin Franklin ou Fleming?

15 — A araruta é extraída de um côco, de uma raiz ou de um caule?

16 — As pessoas que sofrem de piromania têm mania de: sentar-se, acender fogo, caminhar de joelhos ou comer terra?

17 — O físico francês Luiz Jacob Daguerre foi o inventor da máquina de somar, da fotografia ou da rádio-telegrafia?

18 — A traquéia serve para esterilizar instrumentos, rebocar veículos, quebrar gêlo ou levar o ar aos pulmões?

19 — Os centuriões são insetos, árvores centenárias, oficiais das milícias romanas ou notas de banco?

20 — Mengo é o nome de uma ave aquática, a alcunha de um corredor internacional ou o nome da capital de um país?

(Respostas na página seguinte)

QUANDO OS BICHOS ESTÃO EM FÉRIAS

— Os meninos tiveram sorte! Dizem que lá tem chovido de pagode!!

— Dá licença? Vou escrever só uns três postais...

— Ouça isto: "Estou louco de saudades de vocês e não demoro a voltar — Mimi".

— Quando o mosquito sair do envelope, êle verá que estamos mesmo na roça...

HOJE "TEM" SABATINA

RESPOSTAS: 1 — Sinônimo de fornalha; 2 — A clorofila; 3 — Máquinas de arremessar pedras (arma de guerra); 4 — Numerador; 5 — Escafandros; 6 — Dormentes; 7 — Certo; 8 — Nuvens escuras que prenunciam tempestade; 9 — Mira; 10 — Positivo, comparativo e superlativo; 11 — Variáveis; 12 — Gregoriano; 13 — Sinal de somar, uma cruz. O polo negativo com o sinal de subtrair; 14 — Benjamin Franklin; 15 — De uma raiz; 16 — De acender fogo; 17 — Fotografia; 18 — Levar o ar aos pulmões; 19 — Oficiais das milícias romanas; 20 — Nome da capital de Uganda.

O deus supremo da religião fenícia chama-se Baal.

*

Herodoto é chamado o pai da prosa grega.

*

Na segunda guerra mundial os dias de luta na Europa foram num total de 2.076.

Eschilo é chamado o pai da tragédia grega.

*

O govêrno misto de povo e nobreza chama-se "aristodemocracia".

*

Aos caldeus atribui-se a invenção da astrologia e da mágia.

O corpo do adulto contem mais de 3 litros e meio de sangue.

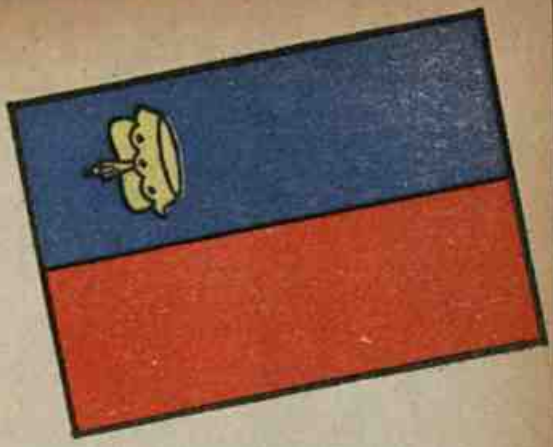
*

Foi em 1895 que foi feito na Inglaerra o primeiro almôço a eletricidade.

*

O unico ditador que a Inglaterra teve foi Cromwell.

LIECHTENSTEIN
país sem impostos



Há um país na Europa onde se não pagam impostos. Liechetenstein, com uma superfície de 104 quilômetros quadrados e 12.000 habitantes, dos quais 2.000 na capital, que é Vaduz. Não tem exército, e o corpo de polícia é constituído por 9 agentes e um cão.

Não se recordam em Liechtenstein conflitos políticos, ou sociais, e a única arma que alí existe é um canhão, que data do século XVII e não funciona. Quando o Estado não tem dinheiro emite selos de correio, famosos pelos desenhos e impressão, e os filatelistas chamam-lhe por isso o "Estado Estampilha".

O príncipe de Liechtenstein, Francisco José, está aparentado com família reais de tôda a Europa, e em 1939 alguns dos seus parentes refugiaram-se junto dele.

Não couberam no castelo que o monarca habita e tiveram de ser repartidos por casas particulares.

O príncipe preside a um congresso formado de 15 parlamentares, e os funcionários do Estado são apenas 50, e têm pouco que fazer porque não há que cobrar impôsto, e até a moeda é a que circula na Suiça, vizinha e amiga.

Francisco José é casado com a princesa Georgina e tem 4 filhos, tendo o mais velho apenas 8 anos, e dedica a sua atividade à coleção de objetos de arte, que guarda no castelo, tão pequeno que os quadros estão empilhados, e os tapetes enrolados.

Os seus problemas são apenas de economia doméstica, como o das excessivas e caras conferências telefônicas da princesa com os costureiros suiços; mas êsse problema desapareceu quando o príncipe proibiu tais conferências telefônicas.

Há anos deu-se um crime em Liechtenstein, onde não existem tribunais, e o problema foi resolvido com a remessa do criminoso aos juizes da Suiça, mediante pagamento de despesas judiciais.

Diz a Sagrada Escritura
que, quando Jesús nasceu,
no céu, fulgurante e pura,
uma estrêla apareceu.

Estrêla nova... Brilhava
mais do que as outras, porém
Caminhava, caminhava
para os lados de Belém.

Avistando-a, os três Reis Magos
disseram: "Nasceu Jesús!"
Olharam-na com afagos,
seguiram a sua luz.

E foram andando, andando,
dia e noite, sem parar.
Viam a estrêla brilhante.
sempre o caminho a indicar

Ora, dos três caminhantes,
dois eram brancos: o sol
não lhes tisnara os semblantes
tão claros como o arrebol.

Era o terceiro, sòmente,
escuro de fazer dó...
Os outros iam na frente,
êle ia afastado e só.

Nascêra assim negro e tinha
a côr da noite na tez,
Por isso tão triste vinha...
Era o mais feio dos três.

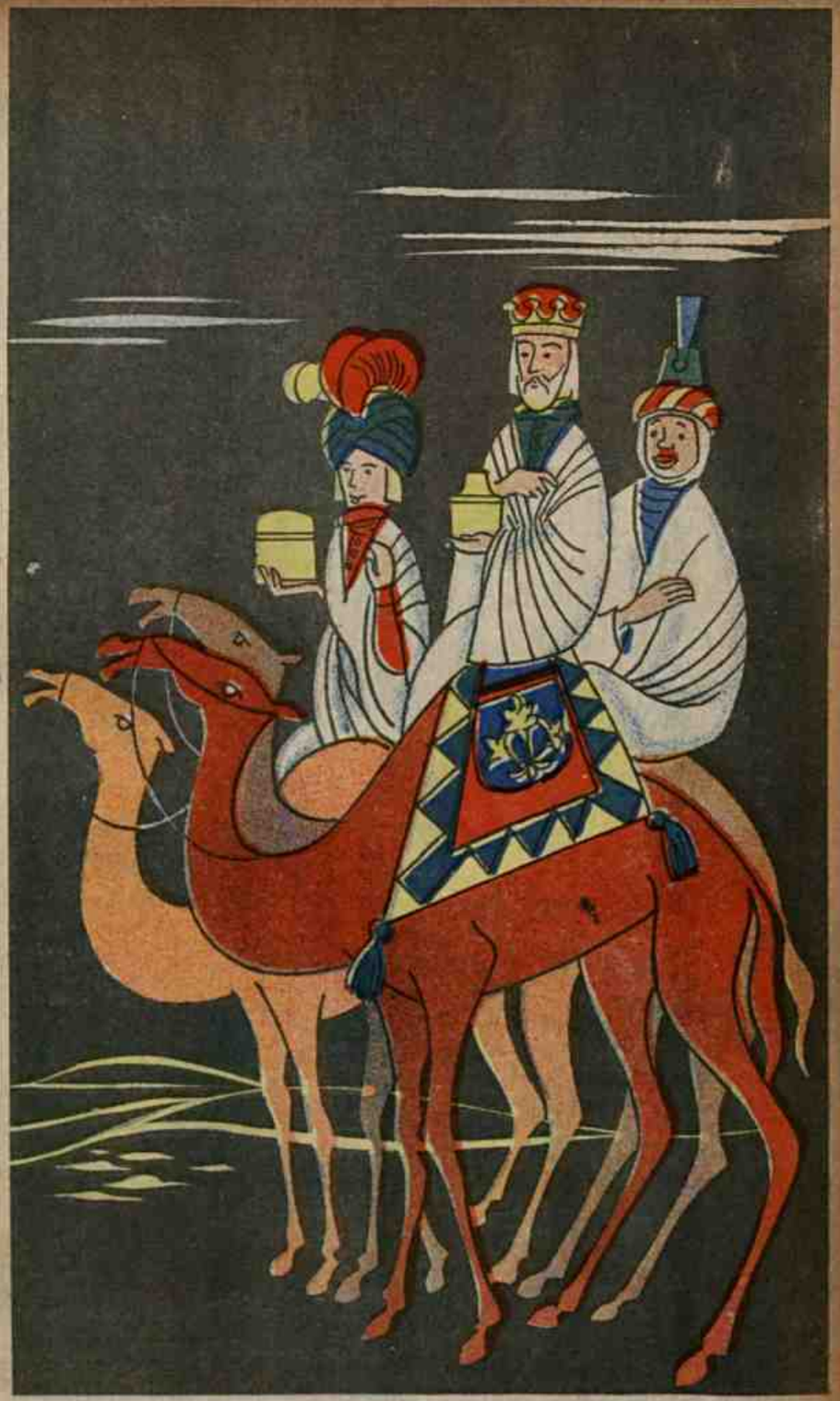
Andaram e, um belo dia,
da jornada o fim chegou,
E, sôbre uma estrebaria,
a estrêla errante parou.

E os Magos viram que, ao fundo
do presepe, vendo-os vir,
o Salvador dêste mundo
estava, lindo, a sorrir.

Ajoelharam-se e rezaram
humildes, postos no chão.
E ao Deus-Menino beijaram
a alva e pequenina mão.

E Jesús os contemplava
a todos com o mesmo amor,
porque, olhando-os, não olhava
a diferença da côr...

OLAVO BILAC



TELÉCO e PISTIL
J. BRAGA

I

O AUTOMOVEL VERDE

— MEU pobre Roberto, estás completamente louco. Há seis semanas te apresentaste no meu circo para fazer parte da "troupe" com o teu cão amestrado. Recusei empregar-te, mas mostraste tal insistência que tive de ceder e cedi. Agora, inesperadamente, queres ir embora. Se soubesse disso...

— Nada tem a lamentar, senhor Silvano. Flip foi um sucesso.

— Oh! O teu cão! Nada sabe do que dizes, mas é um bom animal. Ao teu lado, com as tuas brincadeiras, o público gostava dele. De qualquer maneira, isso não é modo de proceder. Pedes, insistes para ser dos nossos e, quando o consegues, dizes adeus...

— Bem... cada qual pode mudar de idéia... Não sou forçado a pensar sempre de modo igual...

— E que vais fazer, de agora em diante? Pode-se saber?

Roberto tomou um ar ausente, de pessoa que não quer dar explicações.

— Não podes dizer?

— Não tenho nenhum projeto.

— Vais para um concorrente, que te pague mais? E' isso?

— Não.

— Ah! Mas já sei! Foi depois que viste na estrada aquele automóvel verde, que mudaste repentinamente assim... Aí está a explicação, que não é explicação senão pela metade... Pretextando ajudar o motorista, que consertava o motor, conversaste com êle e... será que lhe ofereceste teus serviços?

— Conversei? Êle não entende patavina do que a gente diz! Deve ter vindo da Papuásia ou da Terra do Fogo... ou sei lá de onde!

— Claro; mas havia um cavalheiro e uma linda menina, no carro, e o homem falava bem alto para que eu saiba que não falava o idioma papu... Como berrava! Bem... um carro daqueles, dar o "prego" na estrada, mete mesmo raiva. Que beleza de automovel! Nunca vi outro assim.

— Muito cheio de metais...

— E a menina? Estava aflita por cair fora, não? Engraçado... Com um dia bonito daqueles, os vidros fechados... Essa gente rica tem coisas!

— Mas, voltando ao nosso caso...

— Vais, então, mesmo, embora? Que se há de fazer? Números fracos, como os teus e do teu Flip, arranjo com facilidade...

— Vamos, Flip — ordenou Roberto. — Dê um adeusinho ao patrão...

O cão, obediente, sentou-se nas patas trazeiras e, como mandava o dono, estendeu a patinha para o diretor do conjunto ambulante para o qual tinha até então trabalhado com sucesso.

— Fazes mal em partir — repetiu êste, mais uma vez, dirigindo-se a Roberto.

— Talvez. Mas devo fazê-lo. Obrigado e até à vista.

***

ANTES de meter a carteira de dinheiro no bolso, Roberto verificou quanto continha e fez uma careta. Não era muito... Na carteira havia uma fotografia, que êle olhou com um jeito triste, durante alguns momentos.

Flip, vendo o dono assim, começou a latir, como se o quisesse alegrar.

A bagagem de Roberto era pouca: um saco de viagem contendo o mínimo indispensável. Flip não tinha bagagem, embora fosse um "artista"

— Vamos embora — disse Roberto ao cão. Vais sentir saudades do passadio do circo, amigo, mas é preciso partir.

E tomaram, o rapaz e o cão, ràpidamente a estrada. A despedida da "troupe" fôra feita antes, e tinha sido breve. Só o palhaço era amigo dele. O domador só pensava nas suas féras; o anão estava ausente sempre...

Eis agora os dois caminhando resolutamente pela estrada. Flip, ora saí correndo à frente do dono, ora se atraza e vem correndo a galope, ora se desvia, entrando nos matos... Mas não perde de vista o rapaz, que acompanhará ao fim do mundo, se fôr preciso.

Afinal, após uma hora de caminhada, atingem a localidade mais proxima. Há bonitas casas agrupadas em tôrno da pracinha da igreja, cujo campanário o sol doura com seus últimos riaos.

Ambos estão famintos e como Flip não vê sinais de que o dono vá preparar o jantar, começa a dar sinais de impaciência e pára à porta das casas, farejando, porque dentro delas há comida...

— Ah! Queres jantar? — disse Roberto, rindo. — Também eu, meu velho. Mas vais ter que mostrar as tuas qualidades de "estrêlo"... Fica em pé, como gente, vamos! Já!

Flip, obediente, ficou de pé, na vertical, e começou a andar, como fazia no circo, e assim chegaram à porta de uma casa de comestiveis. A empregada, uma jovem, bate palmas, entusiasmada e larga o que está fazendo, para vir atender ao dono de tão inteligente e engraçado animal.

Com voz doce, Roberto dá ordens e Flip realiza tôdas as piruetas e gracinhas que seu dono lhe ensinára. Pula, dansa, "morre", fica "doente da perna", roda à volta de si mesmo, querendo pegar a própria cauda...

Finda a demonstração, deita-se e, colocando a cabeça entre as patinhas, lança ao dono tristes olhares significativos.

— Coitadinho! Deve estar cansado!... — diz a mocinha, oferecendo-lhe um bom pedaço de linguiça.

— Viajámos a pé — explicou Roberto e também cansado estou eu... Puxa!

— Por que não pediu uma "carona"? — indagou ela.

— Não gosto de pedir êsses favores. A gente se arrisca a ser mal tratado e humilhado, sem necessidade. Flip é bem educado mas às vezes anda com as patinhas enlameadas...

Fez uma pausa e continuou:

— Contudo, há pouco, tão cansado estava que fiz sinal com a mão, pedindo "carona" a um grande e bonito automovel verde em que viajavam um senhor e uma garota muito loura... Que carro! com lugar para seis pessoas!

A mocinha interrompeu:

— Um carro verde com metais muito brilhantes? E' do senhor Estena. E' mesmo muito bonito!

— Ele reside por aqui?

— A uma distância de três quilômetros, apenas. Dizem que é riquissimo e todos se admiram de que, sendo rico assim, tenha comprado uma casa velha, quase demolida, que ninguém queria comprar. Vai ter que gastar muito dinheiro para consertar aquilo! Alguem me disse que êle veio da Itália. A casa é cercada por um grande parque protegido por grades enormes... Da rua não se vê nada. Uma coisa horrivel!

— Não tem criados, que venham aqui, fazer compras?

— Conheço apenas o motorista do carro dele. Vem aqui, sempre, fazer compras, mas é estrangeiro, não fala uma palavra de francês e mostra com o dedo o que quer comprar. Mas sabe praguejar quando a gente não entende. Nomes feios em francês, êle já aprendeu...

E, enquanto o cãozinho e o dono iam saindo, disse ainda:

— Volte aqui sempre. Não é todos os os dias que aparecem fregueses que têm cães amestrados.

A noite caia, quando Roberto e Flip pararam diante da casa misteriosa cercada de grades altissimas. Não se avistava uma luz, sequer. O silêncio era absoluto.

— E' verdade — constata êle. — A casa é invisivel. Meus planos sofrerão muito com isso...

Afasta-se um pouco, para olhar de longe as grades eriçadas de pontas, a altura dos muros que cercam a propriedade, e mentalmente chega à conclusão de que umas e outras são pràticamente intransponiveis.

Flip, ao seu lado, olha também, como se estivesse compreendendo. Afinal, decide que o dono esqueceu, mesmo, que é chegada a hora "sagrada" do jantar e, então, se põe em pé nas patinhas, faz umas piruetas e "cai morto", na relva.

— Ah! Ah! sêo pandego! "Morto" de fome, não é isso? Muito bem! Vou ver se te posso ressuscitar...

Abriu então um pacote que trazia na sacola e, sentando-se, começou a comer, acompanhado gostosamente por Flip, que da sacudidelas felizes com a cauda.

Finalmente, tendo acabado o "jantar", procurou um lugar cômodo que lhes servisse de "hotel", para passar a noite.

Havia muitos, aliás. Estendeu-se então Roberto na grama amarelada e quase sêca, sob a copa de uma grande árvore protetora. Apoiou a cabeça no saco de bagagem, cobriu os olhos com o gorro, enfiou as mãos nos bolsos e dentro de pouco tempo estava a dormir.

E, então, Flip, ouvindo o ressonar cadenciado do amigo, levantou-se de onde estava, veio sorrateiro e se acomodou bem junto do seu peito, com o focinho quase enfiado em baixo do queixo de Roberto.

COMO ENTRAR NA CASA PROIBIDA?

O dia estava claro quando os dois foram despertados pelo ranger e bater do grande portão gradeado da casa misteriosa. Imóvel e ocultando-se como melhor podia, Roberto viu sair o bonito automovel verde. Ao volante ia o não menos misterioso sr. Estena. Saía sòzinho.

— A ausência dele vai ser ótima para nós, sêo Flip... — disse Roberto. E Flip fez que sim, com a ponta da cauda.

Depois de lavar o rosto em um regato que corria perto, e de passar no queixo a gilete, para não ficar com cara de vagabundo ou assaltante, penteado, apresentável, o rapaz se decide a agir.

— Vamos ver, amigo Flip. Você vai pôr em prova seu talento...

Com toda a paciência, e vagarosamente, dá ao inteligente animal as instruções necessárias, e lhe passa no focinho uma fita vermelha que tirou de um envelope. O cão fareja a fita, sacode o rabinho e solta um alegre ladrido, como se dissesse: — "Compreendi!"

Mete-se, então, sorrateiro, fazendo-se pequenino, por entre as grades do portão, já tornado a fechar após a saída do automovel, e, depois de contornar um maciço vegetal, desapareceu aos olhos do dono.

Êste deixa passar alguns minutos e, então, pondo-se de pé, dirige-se sem pressa para a propriedade e aperta, resolutamente, o botão da campainha.

— Deus queira que não seja o papuásio quem venha abrir... — vai êle pensando — porque então eu não saberia de que maneira me faria entender... e Flip nunca mais sairia daí...

Seu olhar inquieto erra pelo parque, vasculhando as alamedas. Súbito, a fisionomia se lhe aclara. Não é o motorista papuásio quem se dirige para o portão, mas sim uma mulher, alta e magra à qual o vestido negro e os cabelos presos dão um grande ar de austeridade.

De longe ela examina a silhueta do moço, através das grades, e grita, com voz roufenha:

— Não estamos esperando ninguém... Que é que deseja? Decerto o senhor errou o endereço...

Roberto se inclinou cortêsmente:

— Minha senhora, desculpe importuná-la, mas o meu cãozinho entrou aqui e estou a chamá-lo em vão...

A mulher interrompe grosseiramente:

— Não é possivel! Como pôde êle passar?

— Pela grade... entre dois barrotes...

Ouvindo a explicação ela dá de ombros. Mas, sem se perturbar, o rapaz continua:

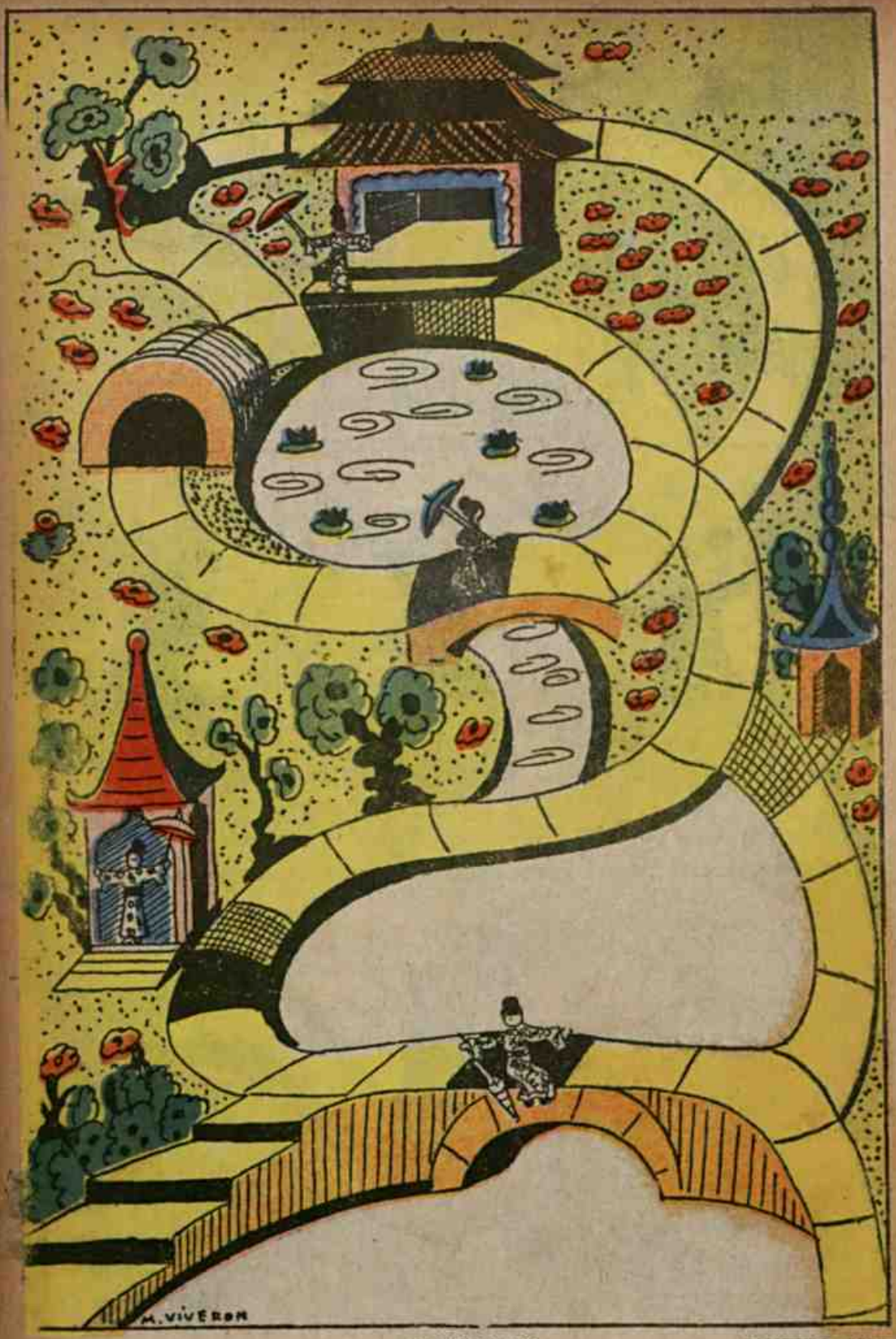
— Devo explicar que não se trata de um cão igual aos outros... E' amestrado... E' amestrado... executa muitos truques e eu o eduquei desde pequenino, de modo que...

— Não devia ter ensinado a essa maravilha a entrar sem licença em casa alheia...

— Isso, madame, êle aprendeu sòzinho.

(Continua no próximo número)

POR CAUSA DE UM MOSQUITO


M. VIVERON

O JARDIM JAPONÊS

Na página anterior oferecemos um jôgo, no qual podem tomar parte vários jogadores, cada qual com a sua marca diferente.

Joga-se com um dado.

Cada qual sai com o número de pontos que tirar.

São duas as casas de saída, à escôlha. Nenhum jogador pode recuar.

Avançando sempre, conforme os pontos, poderá ir fazendo a volta, mas sempre para diante. Cada jogador porá, prèviamente, tantas "fichas" no pavilhão central.

Cada vez que um cai numa das casas quadriculadas, tira uma ficha para si e continua o jôgo, até ver quem apanha mais fichas.

Quem cair numa casa negra (são 6) só sái dali quando tirar, no dado o número 6.

Se cair no túnel, ou no telhado do grande pavilhão, fica uma vez sem jogar.

VOCÊ VERA' QUE PARA OS "TIQUINHOS DE GENTE", COMO NÓS, O MELHOR, MESMO, E' O BONITO

ALMANAQUE DE TIQUINHO

PREÇO 30 CRUZEIROS

OS NOMES DOS MESES

PRETENDEM algumas pessoas que janeiro, primeiro mês do nosso calendário, que é, como você sabe, o gregoriano, (por ter sido estabelecido por um papa chamado Gregório) deve seu nome a Jano (ou Janus, em latim) o Pacífico, a quem a lenda atribuia duas caras, em sentido oposto, podendo, assim, olhar ao mesmo tempo o ano que finda e o ano que começa.

É discutível, porém, que assim seja, mesmo porque antes de ser janeiro o primeiro mês do ano — era, então, março, o primeiro — já tinha êsse nome...

O mês de fevereiro era especialmente dedicado ao culto da deusa Juno. Chamava-se *Februarius*, entre os romanos, palavra derivada de *februare*, que significa purificar, porque durante êsse período eram celebradas festas expiatórias, isto é, festas de penitência, arrependimento e purificação.

O mês de março era dedicado, no calendário romano, ao deus da guerra, que era Marte; primeiro, porque êsse mesmo deus mitológico era, pelos antigos, também considerado protetor das colheitas; e, em segundo lugar, porque era em março que os seus exércitos, imobilizados durante o inverno, retornavam à mobilização, para empreender novas conquistas. Como foi dito, março era, para os romanos, o primeiro mês do calendário: daí ser o ano romano também chamado marcial.

Vejamos abril. O nome desse mês vem do latim *aperire*, que significa abrir, porque é o mês em que a terra — no outro hemisfério, é claro, onde êsse simbolismo se originou, e não para nós, onde ocorre o contrário — parece abrir-se para que nasçam as plantas, e os ramos ficam cheios de brotos e flôres.

Abril corresponde à primavera, e a imagem da terra a se abrir é perfeitamente certa, como seria, para nós, no mês de setembro. Durante certo tempo abril também teve a honra de ser o primeiro mês do ano. Era em 1.º de abril que todos trocavam presentes como se faz hoje a 1.º de janeiro, e vem daí o costume do "trote", do presente de troça, dado a 1.º de abril. Quando passou o comêço do ano para 1.º de janeiro, houve engaçadinhos (êles existem desde que o mundo é mundo...) que continuaram a dar os clássicos presentes, mas... por troça, e enganando os incautos, os que até "nem se lembravam" da mudança que tinha havido, e os recebiam inocentemente.

Maio era dedicado aos cidadãos romanos importantes, os *Majores* e daí o nome que tem, e quanto a junho, deve o seu ao fato de ser dedicado aos jovens *(juniores)*, por ser o período em que se celebravam, em Roma, as festas da juventude.

O mês de julho chamava-se *quintilis*, que significa *o quinto*. Como, porém, se festejava nêsse mês o aniversário de nascimento de Júlio-Cesar, Marco Antônio decidiu, com o fito de homenagear a memória do grande general, que o mês de seu nascimento receberia seu próprio nome. Ficou pois sendo *Julius*, que nós chamamos julho.

Sendo agôsto o mês seguinte a *quintilis*, era, lógicamente, *sextilis* o seu nome. E tomou o nome de outro grande vulto da história romana. Augusto, no ano 73 de Roma, por um decreto do Senado, que estabelecia: "Considerando que no mês *sextilis* Cesar-Augusto começou seu primeiro consulado, e obteve três vezes as honras do triunfo, e viu marchar sob seu comando as legiões de Janículo, e reduziu o Egito sob o poderio do povo romano, e pôs fim à guerra-civil, apraz ao Senado que êsse mês, o mais venturoso para o Império, seja de agora em diante denominado *Augustus*."

O mês de setembro, sob o reinado do imperador *Tibério*, tomou seu nome.

Foi, mais tarde, chamado *Germânico*, sob o reinado de Domiciano; no reinado de Tácito, chamou-se *Tácito;* no de Antonino, chamou-se *Antonius* e durante o domínio de Cômmodo, também chamado Hércules, foi chamado assim.

Contudo, o nome setembro (september) prevaleceu, se bem que o mês não ficasse sendo o sétimo do ano, como era então, pois no calndário gregoriano ficou no nono lugar.

O mesmo se deu, aliás, com outubro, novembro e dezembro, cuja denominação, exata enquanto durou o calendário marcial, ou romano, hoje não corresponde mais à ordem por êles ocupada. Dezembro, sendo o décimo-segundo, recorda pelo nome, o tempo em que foi apenas o décimo.

Êsse mês, aliás, já se chamou, estranhamente *Amazonas*, por ordem do imperador Cômmodo, que assim pretendeu render homenagem a uma bela dama romana pela qual estava enamorado. Mas a paixão do imperador passou e a denominação foi esquecida, voltando dezembro a ser chamado dezembro.

J. V.

A Curiosa Origem da Palavra...

INCISIVO

QUANDO se emprega a palavra incisivo, na linguagem corrente, não se tem a menor idéia de que se está usando um têrmo que significa, em sua origem, "instrumento afiado e cortante".

Com efeito, em latim a partícula "in" corresponde a "dentro", e "caedere" quer dizer "cortar".

Combinadas as duas, formam "incidere" que se pode traduzir como "cortar dentro".

Do particípio passado dêsse verbo se formou a palavra incisivo que, entre nós, tem o sentido de aguçado, cortante, que fere, que penetra cortando. Os dentes "incisivos", por exemplo, são os que têm a tarefa de cortar o alimento.

Uma frase, uma crítica, um remoque incisivo, são coisas que ferem, que cortam, magôam, em sentido figurado.

NO PROXIMO NUMERO ORIGEM DA PALAVRA INTOXICAÇÃO.

AS crianças gostam e os adultos preferem o Sabonete Dorly, que é o melhor pelo preço e pela excelência de sua qualidade!

SABONETE DORLY

Preço por preço é o melhor!

Fichário do Estudioso

BRASILEIROS NOTÁVEIS

LUIZ DELFINO dos Santos, famoso poeta, era também médico. Nasceu na cidade de Destêrro, Sta. Catarina, hoje Florianópolis, em 1834, e faleceu em 1910, no Rio. Foi propagandista da República. Deixou muitos livros, entre os quais "Rosas Negras" e "Musgos e Algas".

Marechal HERMES RODRIGUES DA FONSECA, nasceu em S. Gabriel, Rio G. do Sul, em 1855. Foi Ministro da Guerra no governo Afonso Pena e exerceu a presidência da República, de 1910 a 1914. Pertencia à família do Marechal Deodoro, proclamador da República.

CLÓVIS BEVILACQUA — Jurisconsulto de reconhecido saber, nasceu em Viçosa, Ceará, a 4 de Outubro de 1859 e faleceu no Rio de Janeiro em 1944. Foi um das maiores culturas do seu tempo. Era professor, jornalista e foi político durante a mocidade.

FICHÁRIO DO ESTUDIOSO

Conforme fôra prometido, damos, na página anterior, a primeira ficha, em novo sistema, do nosso "Fichário do Estudioso", que tanto interêsse despertou.

Já agora os colecionadores não precisarão recortar a revista para colar os retratos nos lugares respectivos.

Basta que destaquem a página e colem a ficha em cartolina, para pôr no seu fichário, pois elas já aparecem prontas, completas, como nos foi solicitado por tantos amiguinhos.

A atual ficha vai no tamanho exato das anteriores, o que não deixa de ser interessante, pois não causará aos colecionadores qualquer transtôrno, apesar de ter havido modificação no formato da revista.

Nas próximas edições continuaremos a publicação de outras fichas, fixando sempre vultos importantes da história, das artes e das letras nacionais.

David, o famoso rei de Israel deixou escrito: "Os que semeiam com lágrimas colhem com alegria".

●

O ponto extremo leste do Brasil é a Ponta das Pedras.

●

Dos 21 Estados brasileiros só um não tem A no nome: é Sergipe.

●

Aluizio de Azevedo, famoso romancista, irmão de Artur de Azevedo, chamava-se Aluizio Tancredo Belo de Azevedo.

28 páginas totalmente coloridas.

CONTOS ◆ POESIAS ◆ TESTES ◆ PASSA-TEMPOS JOGOS ◆ BONECAS PARA VESTIR ◆ BRINQUEDOS DE RECORTAR E ARMAR ◆ RECEITAS DE COZINHA ◆ BORDADOS ◆ ANEDOTAS.

●

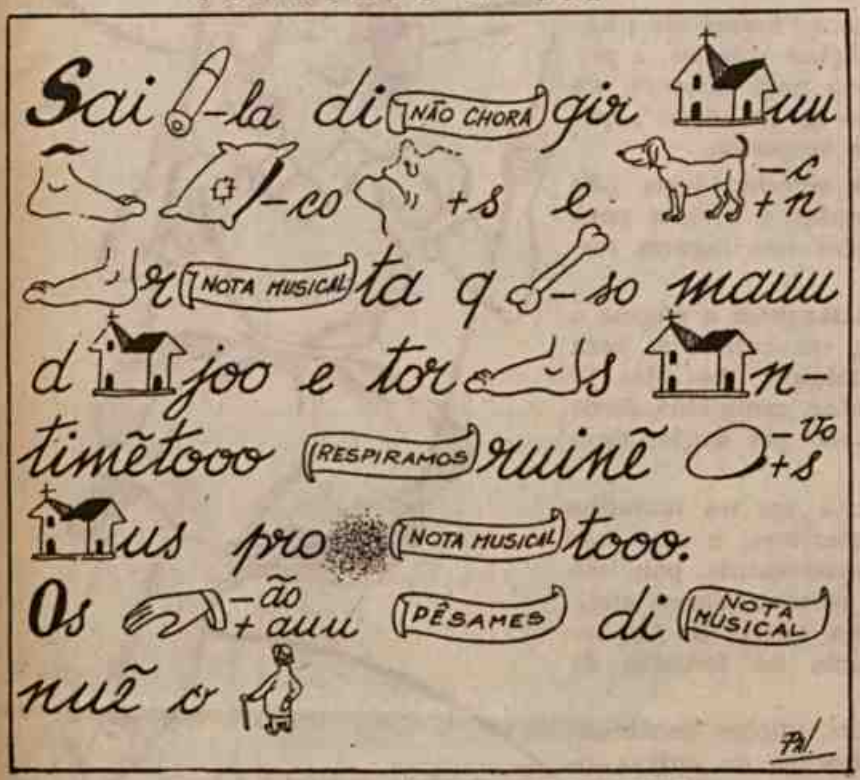
NUMERO AVULSO 5 CRUZEIROS

CIRANDINHA

Rua Senador Dantas, 15, 5.º andar — Rio
EDIÇÃO DA S. A. "O MALHO"

NOSSOS CONCURSOS

CONCURSO N.º 331



TEXTO ENIGMÁTICO

DECIFRE êste texto enigmático, escreva sua tradução em uma fôlha de bloco (não precisa cortar a revista), assine seu nome por extenso e escreva seu endereço completo.

Remeta a "Nossos Concursos", redação de "O Tico-Tico", r. Senador Dantas, 15, 5.º andar, — Rio — D. F. e aguarde a solução na edição de Março vindouro.

TICO TICO

REVISTA INFANTIL MENSAL

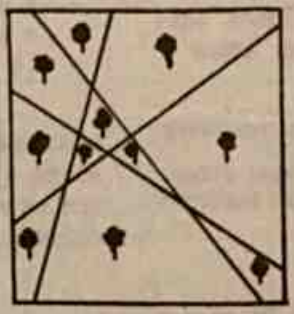
Fundada em 1905

UMA PUBLICAÇÃO DA S. A. "O MALHO"
editora de "TIQUINHO", "CIRANDINHA" e "PINGUINHO"

DIRETOR:
ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Redação: Rua Senador Dantas, 15 - 5.º andar.
Telefone: 22-9672 — RIO.

NÚMERO AVULSO: ..... CR$ 3,00
ASSINATURA: ..... CR$ 60,00
(12 números sob registro postal)



SOLUÇÃO EXATA DO CONCURSO N. 329

Assim foi dividido o terreno, conforme as últimas vontades do pai dos rapazes.

OBSERVAÇÃO

ATENDENDO a que as soluções enviadas pelos leitores residentes nos Estados nos chegam sempre com grande atrazo, resolvemos, no seu próprio interêsse, modificar a forma do sorteio dos nomes que devem aparecer, cada mês, no Quadro de Honra. (Veja a página seguinte).

Assim, o sorteio abrangerá sempre as soluções DOS DOIS ÚLTIMOS CONCURSOS.

QUADRO DE HONRA

FORAM CLASSIFICADOS POR SORTE, PARA SAIR NO QUADRO DE HONRA, OS SEGUINTES CONCORRENTES QUE NOS ENVIARAM SOLUÇÕES CERTAS DE UM DOS DOIS ÚLTIMOS CONCURSOS.

1 — GILDA MARIA B. CARVALHO — Cavarú — E. do Rio.
2 — JOSE' LUIZ DE OLIVEIRA — Mooca — São Paulo.
3 — LÚCIA DA COSTA LEIMBECK — Ramos — Rio — D. F.
4 — LÉA DE SOUZA GOUVÊA — Rio — D. F.
5 — JOÃO MUNIZ WRIGHT — Leme — Rio — D. F.
6 — EVANILDO C. BECHARA — Meyer — Rio — D. F.
7 — MARIA CONCEIÇÃO AGOSTINHO — N. Friburgo — E. do Rio.
8 — TAYNÁ BORGES PINHEIRO — Rio — D. F.
9 — JOSÉ LUIZ BERALDO — Dois Córregos — São Paulo.
10 — NEYD P. KASTRUP — Osvaldo Cruz — Rio — D. F.
11 — CLAUDIO V. HUDSON — C. Lafaiete — Minas.
12 — JOSÉ FLÁVIO C. VIEIRA — Campinas — São Paulo.
13 — SIDNEY GANIMI — J. de Fora — Minas.
14 — WILLER COSTA CARVALHO — S. Dumont — Minas.
15 — ROBERTO KORONFLI — São Paulo — S. P.
16 — MÁRCIO V. HUDSON — C. Lafaiete — Minas.
17 — JOSÉ B. ALMEIDA GIL — Taubaté — São Paulo.
18 — AILSON T. LAMERI — Vila Velha — Espito Santo.
19 — CECÍLIA A. CARVALHO — Mangaratiba — Estado do Rio.
20 — TELMA M. AMARAL — C. do Itapemirim — Espirito Santo.

TOSSE? CODEINOL NUNCA FALHA

PREFERIDO PELAS CRIANÇAS POR SER DE GÔSTO AGRADAVEL.
PREFERIDOS PELOS MÉDICOS POR SER O REMÉDIO QUE ALIVIA, ACALMA E CURA.

Infalivel contra resfriados, ásma e bronquite.

O COMANDANTE DO "BOI DE BOTAS"

O marechal Emílio Mallet foi uma das grandes figuras do Exército brasileiro, tendo se ligado diretamente aos feitos da guerra do Paraguai. Não era brasileiro de nascimento. Nasceu em Dunquerque a 1 de junho de 1801 e morreu, no Rio de Janeiro, a 2 de janeiro de 1885.

Veio para o Brasil ainda criança, assentou praça no Exército e em 1882 era cadete. Tomou parte em várias campanhas e, ràpidamente, subiu de postos. Era capitão, quando Pedro I baixou decreto excluindo das fileiras os soldados e oficiais estrangeiros. Perdia assim Mallet os seus galões de oficial. Mas, continuou a amar o Brasil como sua verdadeira pátria, esperando que a justiça fôsse reparada.

• • •

Em 1852, com as perspectivas de guerra foi chamado e, por decreto de 3 de maio, incorporado ao Exército, no pôsto em que o deixara. Comandando o 1º Regimento de Artilharia a Cavalo, Mallet tomou parte na batalha de Monte Caseros, que obrigou o tirano Rosas, da Argentina, a fugir da pátria.

Ainda à frente do seu Regimento, que era denominado "Boi de Botas", teve êle atuação marcante na tomada de Paissandú, em 1865.

• • •

DECLARADA a guerra com o Paraguai, o "Boi de Botas", sob a chefia do seu grande ídolo, força a passagem do rio Paraná, para pisar solo inimigo. Osório elogia Mallet em Ordem do Dia. É, porém, na memorável batalha de Tuiutí que Mallet se cobre de glórias e de fama. Essa batalha, travada a 24 de maio de 1866, teve importância decisiva para o Brasil. O "boi de botas" suportou todo o pêso das fôrças inimigas, repelindo, porém, os ataques furiosos dos paraguaios.

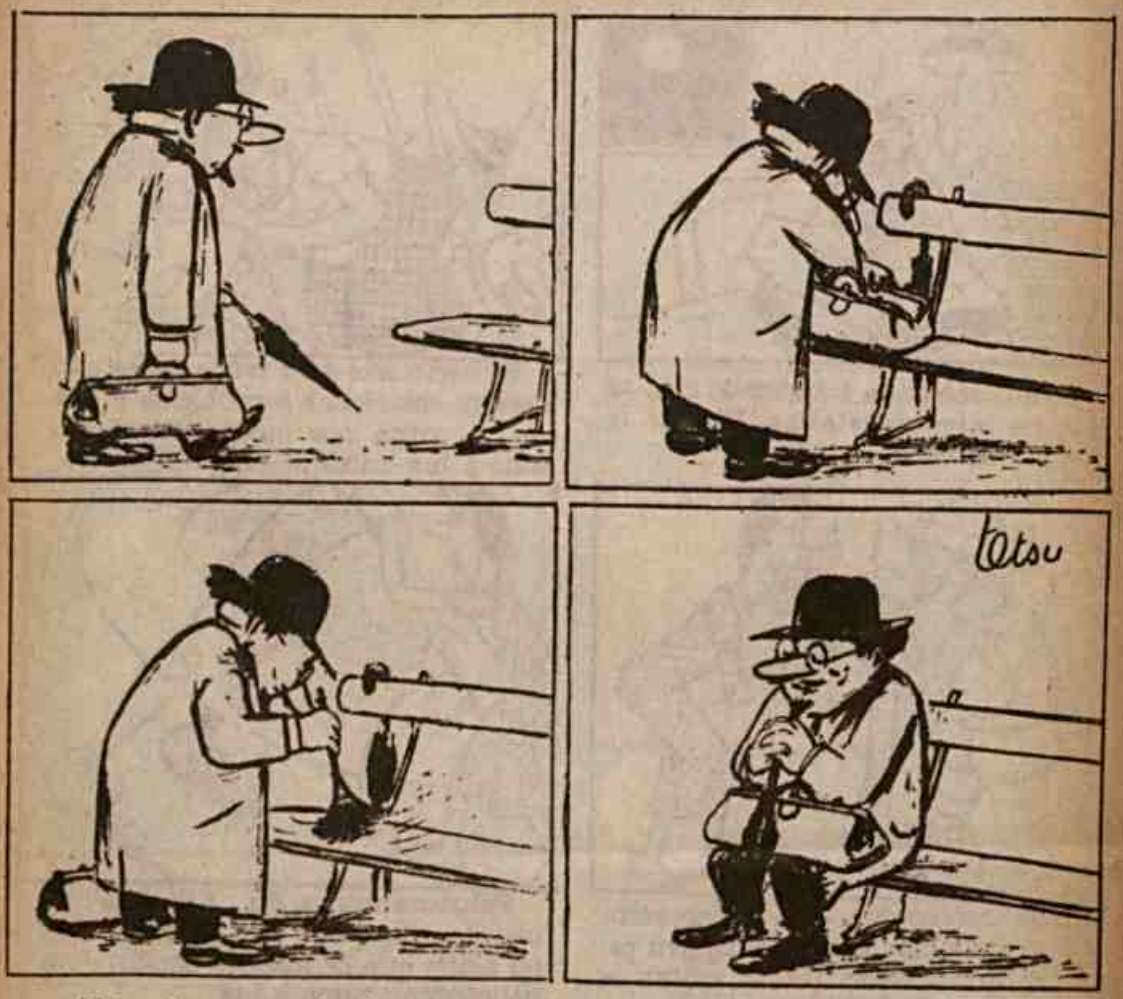
Na segunda fase da guerra, o bravo soldado distingüiu-se na tomada de Curuzú, nas batalhas de Estabelecimento, Itororó, Lomas Valentinas, Perebebuí e Campo Grande.

Em 1873, recebeu o título de Barão de Itapoví. No ano seguinte foi promovido a marechal de campo e, em 1885, reformado, no pôsto de tenente - general.

O govêrno brasileiro fêz Mallet o patrono da Artilharia. Há um Regimento com o seu nome. E êsse nome bem merece o reconhecimento dos soldados do Brasil, pelo muito que fêz para a sua glória.

AMÉRICO PALHA

ERA UM TIPO CUIDADOSO...

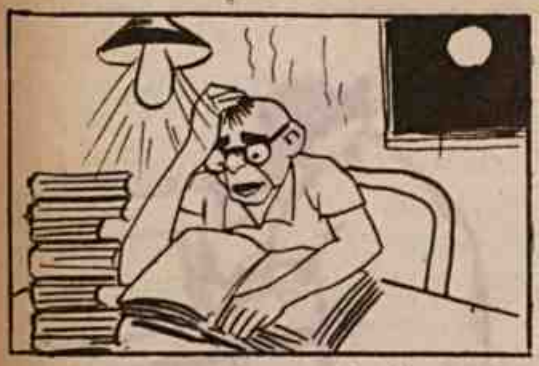


Não são os resultados do trabalho, mas sim o próprio trabalho e a luta para obter êsses resultados, que dão à vida a sua graça e o seu interêsse. — Frank Crane.

KOLATOL NÃO FALHA

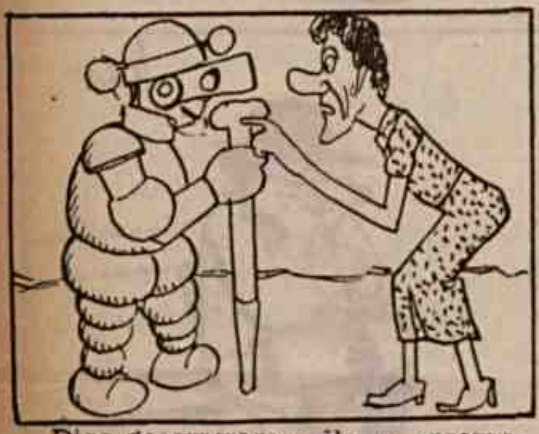
FAZ DOS FRACOS FORTES. INFALIVEL NOS CASOS DE ESGOTAMENTO:
ANEMIA
DEBILIDADE NERVOSA — INSÔNIA
FALTA DE APETITE
E OUTROS SINTOMAS DE FRAQUEZA ORGÂNICA DE CRIANÇAS E ADULTOS.

AVENTURAS DE ZÉ MACACO

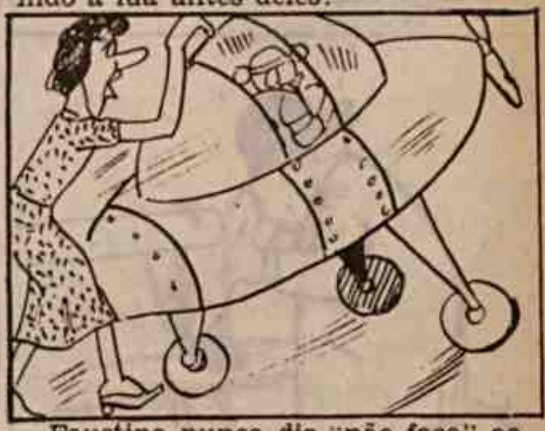


Zé Macaco anda empolgado com as viagens inter-planetárias. Póde-se ir à lua ? Só vendo...

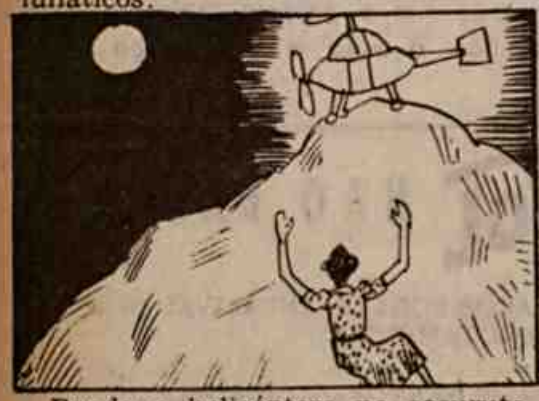
E, como não tem medo de estudo, decidiu solucionar o problema e passar a perna nos outros estudiosos, indo à lua antes deles.



Dias decorreram e êle se apresentou a Faustina, numa roupagem especial, anunciando que ia visitar os lunáticos.

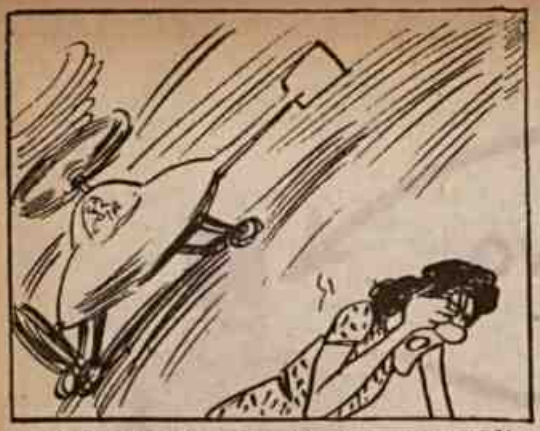


Faustina nunca diz "não faça" ao marido. Sabe que não adianta... E foi assim que Zé Macaco partiu, num helicóptero, rumo à lua.



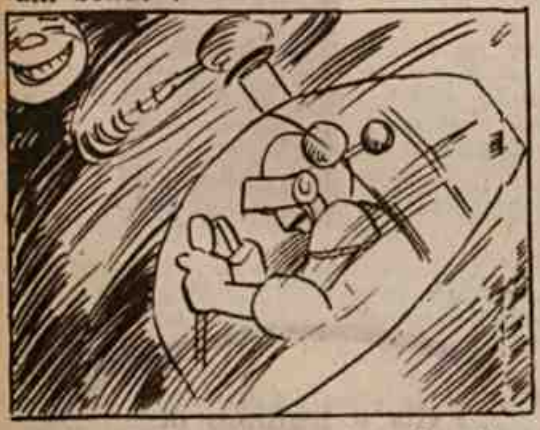
Pondo o helicóptero no cocuruto de um morro, esperou que a lua saisse, para ver bem onde estava ela, e largou. Aconteceu...

... porém, que o aparelho em vez de subir, começou foi a descer, ladeira a baixo, enquanto Faustina "torcia".



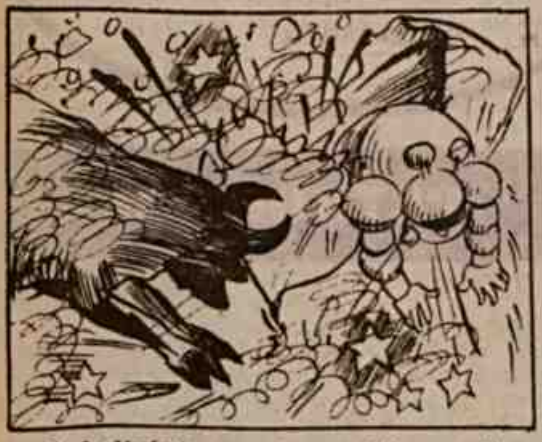
Quando ela reparou que o maridinho estava em perigo, nem quís mais olhar ! E o auto-giro ia que era um bólide !

Zé Macaco só ouvia um zum-zum de casa de maribondos. Contudo, não perdia a calma. Não é homem dessas fraquezas.



E, enquanto isso, a lua, do alto, parecia sorrir, pensando que ainda desta vez não seria visitada...

Lá em baixo um representante da raça bovina, que pastava, vendo aquele bicho na sua direção, resolveu fazer-lhe frente.



O helicóptero, não resistiu muito tempo. E Zé Macaco foi lançado... quase na Lua, pelo boi furioso.

Resultado: o de sempre. E Faustina não ralhou, não brigou, não achou ruim... porque também faz das suas, e boas, de vez em quando...

ÓLEO DE OVO

Marca Registrada

Cabelos sedosos e ondulados

Exija o legítimo de CARLOS BARBOSA LEITE que traz o nome de garantia

PETROLOVO

Luiz Daguerre

LUIZ Jacob Daguerre nasceu a 18 de Novembro de 1787, em Cormeilles-en-Parisis, França, e faleceu em Bry-sur Marne, a 10 de julho de 1851.

Destacado pintor, obteve grande fama com decorações na Ópera de Paris. Em 1822 inventou o diorama, quadro pintado que, com o auxílio de hábil iluminação, permitia observar diversas mudanças do panorama.

Mais tarde, em 1829, associou-se ao físico Nicéforo Niepce, que havia conseguido fixar as imagens recolhidas em câmara escura, e do trabalho de ambos nasceu a fotografia, da qual foi precursor o daguerreótipo, genial descoberta dêsse ilustre sábio.

Luiz pertencia a uma família de humilde condição. Desde menino sentiu grande inclinação artística e seus pais, longe de o contrariar, facilitaram-lhe o estudo de desenho e perspectiva. Quando completou dezessete anos foi para Paris, a fim de aperfeiçoar-se.

Lá se empregou no atelier do artista Degotti, pintor das decorações da Opera.

Trabalhador entusiasta, Daguerre logo se destacou e, embora muito jovem, confiaram-lhe a direção das decorações da Ópera Cômica e, mais tarde, da Ópera, cargo no qual substituiu seu mestre.

Nessa época estavam em grande moda as vistas chamadas "panorâmicas". Homem de ação e de iniciativa, Duaguerre quis fazer algo mais completo.

A 11 de Julho de 1822 instalou em Paris seu famoso "Diorama", antecipando assim o cinema, e com êle lograva dar uma aparência de vida e realidade.

Como muitos pintores de sua época, Daguerre utilizava a câmara escura para desenhar e, assim como Niepce, tinha imaginado fixar as imagens nela.

O ótico Carlos Chevalier pôs em prática êsses estudos, mas Niépce morreu em 1833 e então Daguerre prosseguiu sòzinho em suas investigações, conseguindo, quatro anos depois, obter um resultado do especial ao qual foi dado o nome de "daguerreótipo".

Esta descoberta causou grande sensação nos meios científicos. O famoso astrônomo Arago o apresentou à Academia de Ciência e Belas Artes em reunião especialmente preparada, em 1839, e nesse mesmo ano o govêrno conferiu a Daguerre uma pensão vitalícia de seis mil francos a outra de quatro mil francos a Isidoro Niepce, filho de Nicéforo, como recompensa nacional ao seu trabalho maravilhoso, que tantos benefícios trouxe à humanidade.

JANEIRO

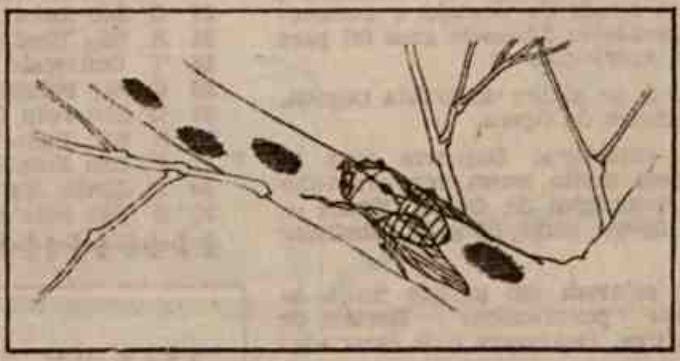
1	S	Cir. de Nosso Senhor
2	*D*	*SS. NOME DE JESUS*
3	S	Santa Genoveva
4	T	São Prisco
5	Q	Santo Eduardo
6	*Q*	*EPIFANIA*
7	S	São Julião
8	S	São Teófilo
9	*D*	*SAGRADA FAMILIA*
10	S	Santa Angela
11	T	São Higino
12	Q	São Modesto
13	Q	São Leôncio
14	S	S. Hilário
15	S	São Paulo Eremita
16	*D*	*São Marcelo*
17	S	Santo Antão Abade
18	T	Cát. S. Pedro em Roma
19	Q	São Mário
20	Q	Santos Fabiano e Sebastião
21	S	Santa Inês
22	S	Santos Vicente e Anastácio
23	*D*	*São Raimundo Penaf.*
24	S	São Timóteo
25	T	Conversão de São Paulo
26	Q	São Policarpo
27	Q	São João Crisóstomo
28	S	São Pedro Nolasco
29	S	São Francisco de Sales
30	*D*	*Santa Martinha*
31	S	São João Bosco

VERÃO TEMPO DE CIGARRAS

Estamos no verão, época em que tanto "cantam" as cigarras.

Querem saber umas coisas curiosas sôbre elas?

A vida dos insetos, em seu estado adulto é, em muitos casos, curta. Muitos dêles passam meses e as vezes anos em estado de larva, tendo apenas horas de vida quando adultos. Algumas cigarras, que, como sabem vocês, pertencem à ordem do homópteros, têm o ciclo evolutivo de vários anos. Na América do Norte é encontrada uma espécie que desde a saída do ovo até o seu completo desenvolvimento leva dezessete anos; essa espécie é acompanhada de perto por outra também norte-americana, que para chegar à maioridade leva treze anos. O que vale dizer que a verdadeira existência dos insetos é em seu estado de larva, em sua grande maioria; ao chegar a idade adulta e quando podiam desfrutar as belezas que a vida encerra, têm de vida, às vezes, simplesmente dias; apenas para cumprir a missão de perpetuar a espécie. E isto quando se trata da vida aérea, porque muitas se desenvolvem dentro de troncos, talos e frutos das árvores.



Há entre as cigarras as que vivem enterradas, às vezes a vários metros de profundidade, alimentando-se de seiva que extraem das raízes das árvores. Vocês devem saber que nos insetos o sentido do paladar é tão refinado como nos seres humanos, por isso é que não depositam os seus ovos em qualquer planta e sim sôbre aquelas que êles conhecem bem por lhe haverem saboreado a seiva antes de depositar seus descendentes, os quais por sua vez, gostarão da mesma planta. Dentro de uma ranhura ou incisão depositam seus ovos, os quais, ali bem guardados esperam o momento propício para dar saída às pequenitas, que imediatamente, guiadas por seu instinto, tratam de chegar ao chão para se introduzirem nêle, penetrando a grandes profundidades, para fixar-se nas raízes da planta e começar a alimentação.

As larvas, desde pequeninas são muito parecidas com a cigarra adulta, isto em sua forma geral, pois neste estado suas patas anteriores são do tipo escavadora, faltando-lhes as asas e apresentando outros caracteres que se modificarão ao chegar à forma definitiva. As larvas das cigarras, como de todos os insetos de metamorfose incompleta, irão se assemelhando ao inseto completo, isto é, adulto, à medida que se vão sucedendo as mudas, ou trocas de pele. Passam por um estado intermediário denominado ninfa, ou seja, o penúltimo estado de sua completa evolução. Ao chegar ao estado de ninfa as cigarras, ao contrário dos outros homópteros, cujos ninfas se continuam alimentando, não se alimentam; passara uns dias em completa imobilidade para depois construir galerias, a fim de vir à superfície da terra. Às vezes fazem uma espécie de descanso dentro dessas galerias; outras vezes, conforme as espécies, saem diretamente ao exterior e trepam nas árvores de cujas raízes se alimentaram, permanecendo prêsas aos galhos até o momento em que seu tegumento se fende longitudinalmente na parte dorsal e pouco a pouco vai dando passagem ao inseto alado.

Nesse momento as asas são completamente enrugadas, porém, ao contato do ar vão se esticando vagarosamente, até chegar ao completo desenvolvimento.

Nesse ponto já está ela em condições de voar.

E então, começa a gritaria dos dias de verão...

RIQUEZAS do BRASIL

Prof Amy Bellagamba

FRUTAS

RIQUEZAS do BRASIL

Prof Any Bellagamba

FRUTAS

(VER ILUSTRAÇÕES NO OUTRO LADO DA PAGINA)

AS frutas constituem uma das grandes riquezas do Brasil. Atualmente grandes são as plantações de laranjas, bananas e abacaxis, possibilitando assim largamente a exportação.

A) BANANAS — O Brasil ocupa o primeiro lugar como produtor de bananas. A qualidade mais procurada é a nanica, anã ou dágua, embora as outras variedades, tais como: prata, maçã, ouro, da terra, São Tomé, sejam muito apreciadas.

Entre todos os Estados brasileiros destacam-se, como produtores de bananas:

1 — São Paulo;
2 — Minas Gerais;
3 — Rio de Janeiro;
4 — Pernambuco.

B) LARANJA — Como produtor mundial de laranjas o Brasil coloca-se em segundo lugar, depois, portanto, dos Estados Unidos da América do Norte.

Das muitas qualidades de laranjas as mais procuradas são: lima, pêra, da Bahia, seleta, da China, etc.

Os Estados do Brasil que mais possuem grandes laranjais são:

1 — Rio de Janeiro;
2 — São Paulo;
3 — Distrito Federal;
4 — Minas Gerais.

C) ABACAXI — O abacaxi, que que é um fruto genuinamente brasileito, encontra-se cultivado em quase todo o território nacional.

Embora seu cultivo haja sido espalhado para outros países, em nenhum dá tão bem e tão deliciosos frutos como em seu berço natal.

Suas variedades mais cultivadas são: bico de rosa; branco paulista, fluminense, vermelho, branco, etc.

São principais produtores os Estados de:

1 — São Paulo;
2 — Pernambuco;
3 — Paraíba;
4 — Minas Gerais.

D) OUTRAS — Além dessas frutas citadas, ainda encontramos grandes produções de côco da Bahia, uva, mamão, abacate, figo, manga, goiaba, sapotí, marmelo, caju, jaca, melão, abío, genipapo, maracujá, tangerina, caquí, melancia, cajá, morango, jaboticaba, etc..., todos de consumo interno.

O GRILO

O grito é um inseto curioso. A conformação do corpo dos insetos varia muito, mas todos têm três partes distintas, que são: cabeça, tórax e abdome; três pares de patas e quatro asas, sendo duas anteriores e duas posteriores.

Entre as três partes principais, o corpo do inseto apresenta incisões ou secções profundas; é desta incisão que provém o nome de inséto dado a êsses animais.

Mas, voltemos aos grilos: são êles ortópteros (asas retas), sendo as anteriores consistentes como o pergaminho e as posteriores membranosas e dobradas longitudinalmente.

Êles saltam mais de que voam, e por isso as patas posteriores são bem maiores e mais fortes do que as outras.

Conhecem-se várias espécies dêles; o doméstico, que vive em casa, o campestre, que habita o campo, e o "paquinha", que mora nos jardins.

São todos trituradores, que saltam, voam, estridulam e causam prejuizos às plantações.

Vivem zunindo, são músicos contumazes, boêmios incorrigiveis, como as cigarras, que nada mais fazem que cantar.

E' muito curioso ver dois grilos se encontrarem; dão marradas um no outro, absolutamente como dois touros. São muito tímidos, jamais se afastam muito dos buracos onde moram. Ao menor ruido, silenciam e logo se escondem.

Comem de tudo: raizes, ervas e, poèticamente, bebem gotas de orvalho!

J. SILVEIRA THOMAZ

UM SUCESSO!

Você não deve perder as atrações contidas nas cento e tantas páginas do maior e mais antigo de todos os ANUÁRIOS INFANTIS DO BRASIL.

30 cruzeiros

Almanaque d'O Tico Tico

Pedidos pelo Reembolso Postal à S. A. "O MALHO" — Rua Senador Dantas 15 - 5.º and. — Rio de Janeiro — D. F.

TAMARINDO

Tamarindo tem um jeitinho todo seu, de convencer as pessoas. Sabe conversar, o danado do homenzinho. E vai daqui, vai dali, acaba sempre por apresentar uns certos argumentos, capazes de virar a cabeça dos outros.

Depois do fracasso das filmagens anteriores, como vocês estão lembrados, a história dos gansos do Capitólio, a vida de Guilherme Tell, a epopéia de Napoleão, as proezas de Cipião o Africano, aqui está êle outra vez.

Desta feita, veio convidar o senhor diretor para assistir à filmagem de um argumento bacaníssimo: nada mais, nada menos que a vida cheia de trapalhadas de Nero, o imperador romano.

— Estamos filmando justamente o incêndio de Roma — disse êle ao diretor. O diretor, atracado com o seu inseparável charuto, sentou-se, para esperar, pois sempre foi de opinião que é sempre melhor esperar... sentado.

TAMARINDO

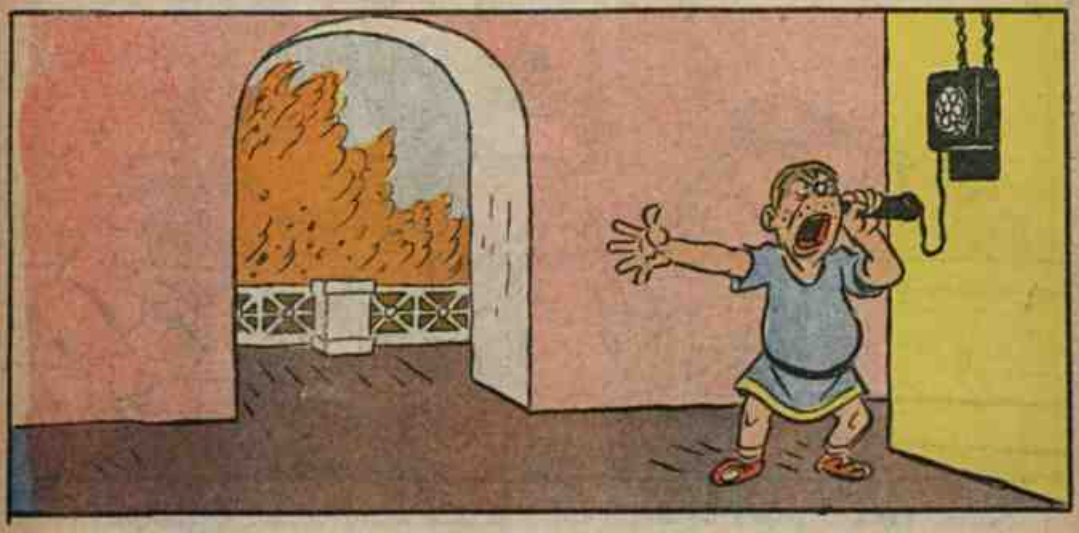
Quem fazia o papel de Nero era o grande astro doutor Carapetão, vocês já devem ter reconhecido, apesar da excelente caracterização. Empunhando uma lira, tal como o histórico figurão no dia do incêndio, começou a declamar. Simplício não estava nada contente com aquele calorão medonho "Daqui a pouco eu viro linguiça frita — pensava êle. Esta coisa tôda vai pegar fogo e vai ser uma catástrofe. Eu, hein ?".

Animado pelo calor, Nero Carapetão cada vez declamava mais furiosamente. E como não tinha decorado muito bem o "script", começou a inventar na hora: "Vem, fogo, vem, meu foguinho, e pega em tudo, acaba com tudo, acaba com tudo isto! Torra Tamarindo, assa o Simplício, que eu quero ver muita cinza, muito tição, à minha volta! Isso, foguinho querido!"

Aí, Simplício não aguentou mais. Saiu numa disparada maluca!

(Continua na página seguinte)

TAMARINDO



Na sala vizinha havia um telefone e Simplício não quis saber de conversa: pediu uma ligação — depressa, mora! correndo, telefonista! — para o quartel de Corpo de Bombeiros, e disse que a coisa ali estava quente, e que viessem com bastante água, que o calor estava dando uma sêde danada!

— Tragam água, muita água! Tragam a Lagoa dos Patos e mais a Rodrigo de Freitas, senão não chega para apagar o fogareu que há por aqui!

Quando os bombeiros chegaram, porém, já a filmagem estava acabada.

— Foi aqui que houve um incêndio? — perguntou o comandante. — O incêndio foi em Roma, há muitos séculos passados... — disse o diretor. — O senhor está brincando? Mostre o incêndio, que nós queremos acabar com êle!! Senão vai haver um tempo-quente aqui!

— Tempo quente? Já houve! — gracejou o diretor. — Já esfriou ate...

TAMARINDO

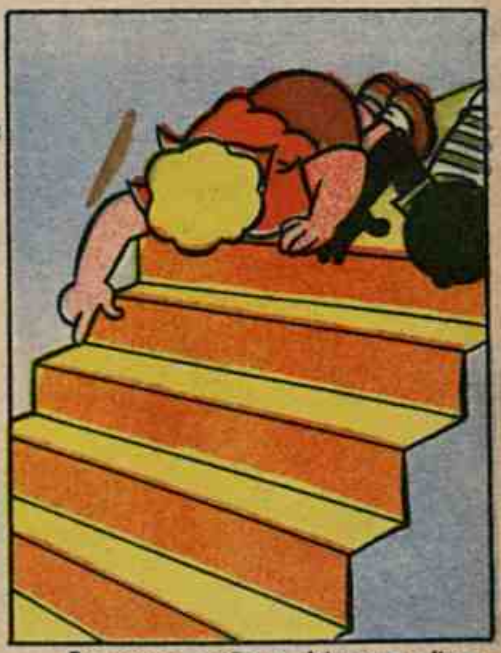
Ah! queres fazer o engraçadinho não é, sêo barrigudo? Chamam os bombeiros, pedem água e ficas aí fazendo graça! Pois vamos apagar êsse charuto, agora mesmo! Deve ter sido êsse mata-rato que causou o incêndio!

E, unindo o gesto à palavra, os valentes soldados do fogo ligaram as mangueiras... Que banho formidável levou o senhor diretor! Depois de o molhar bem molhadinho, os soldados fizeram meia volta.

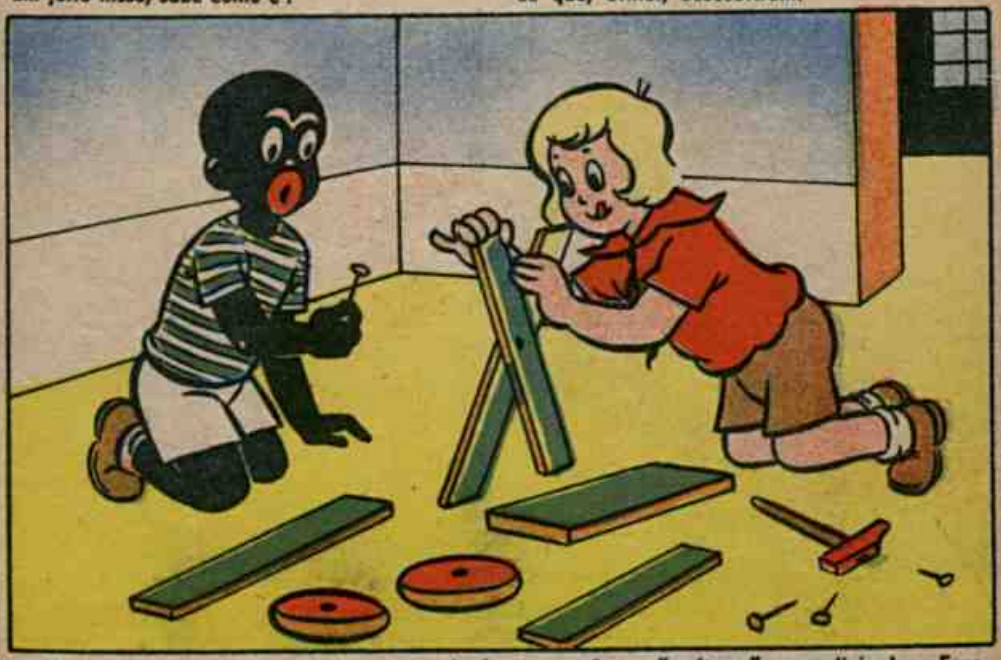
Aí o diretor, molhado, sem charuto, furibundo — só não estava fumegando porque o charuto fôra apagado — deu também meia-volta e saiu em busca de Tamarindo. E achou-o, é claro. Tinha que achar! Porque, senão, como acabaria a nossa história? Ela sempre acaba mostrando o nosso infeliz herói pagando os seus pecados... Desta vez, êle pagou foi os pecados de Nero...

RECO-RECO, BOLÃO e AZEITONA

Agora, que estou em férias — disse Chiquinho ao Benjamim — é que vejo como cansa, êsse negócio de subir e descer escadas ! E vou dar um jeito nisso, sabe como é ?

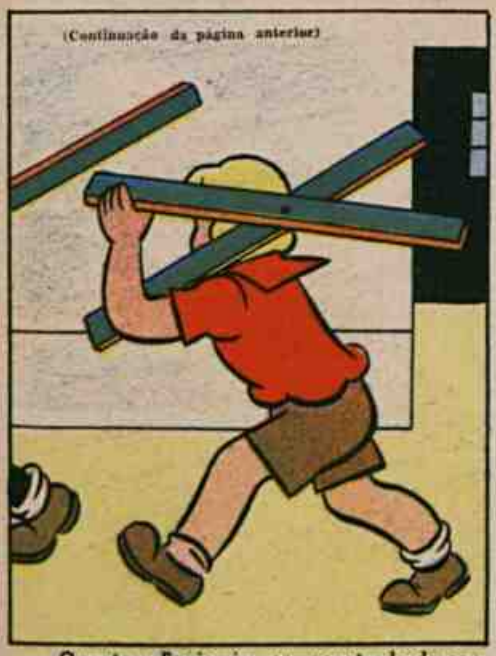


Começaram, então, os dois novos edisons a estudar um meio para suprimir as escadas. Queriam coisa nova, do tipo atômico. E parece que, afinal, descobriram.



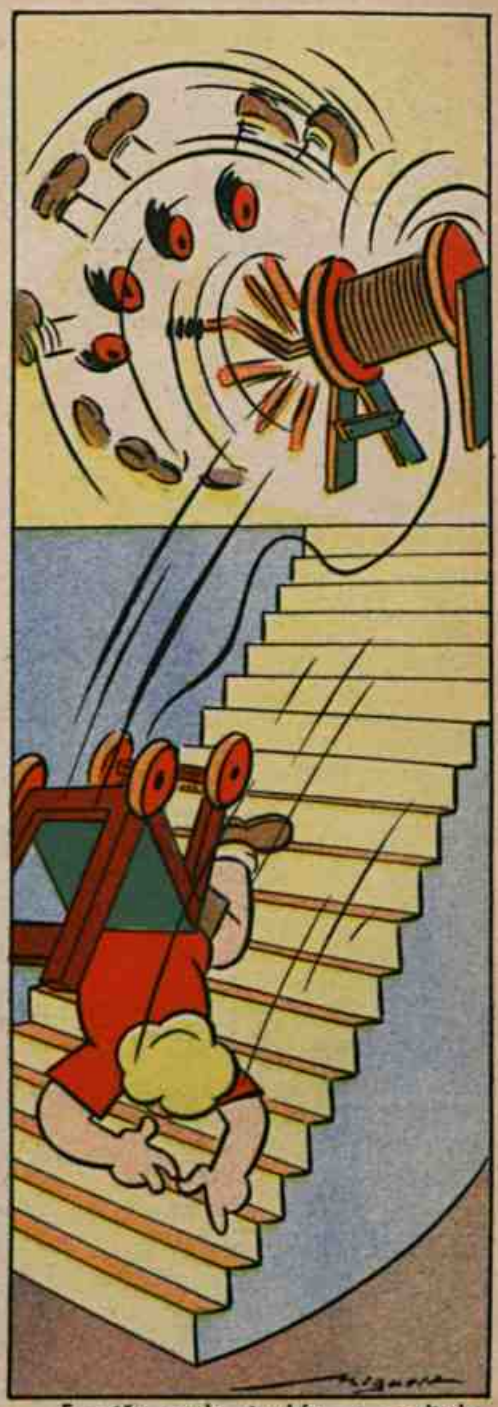
Porque imediatamente puseram mãos à obra, no porão, no " sótano", como dizia dona Escolástica, a espanhola vizinha, quando se referia ao porão de sua casa... Chiquinho serrava tábuas, aplainava, media, fazia cálculos, resmungava baixinho, coçava a cabeleira...

(Continua na pág. a seguinte)



Quanto a Benjamim, compenetrado do seu papel de ajudante de desordens só fazia "assuntar" e dar o que Chiquinho ia pedindo. Afinal, a tralha tôda foi levada para o alto da escada. E...

... foi armada a geringonça. Era o tipo acabado da maluquice mecânica, bobagem pura, coisa mesmo de cabeça de criança, como vocês estão vendo.



E estão vendo, também, o resultado, não estão? Chiquinho pela escada a baixo e Benjamim virando hélice de avião... Viram? Pois é...

GRAFICA PIMENTA DE MELLO S. A. — RIO